

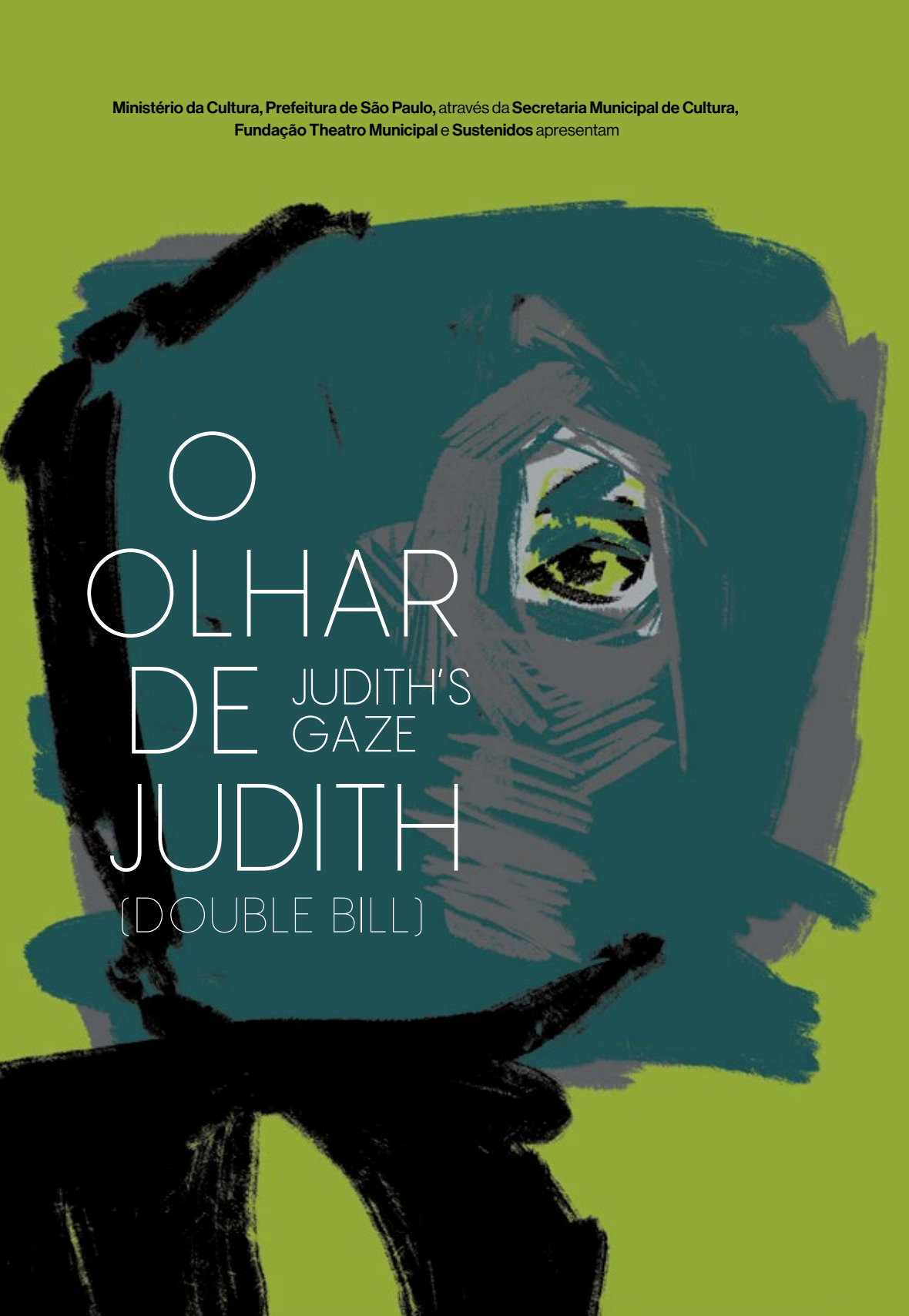
Orquestra
Sinfônica Municipal



OLHAR
DE JUDITH'S
GAZE
JUDITH
(DOUBLE BILL)



Ministério da Cultura, Prefeitura de São Paulo, através da Secretaria Municipal de Cultura,
Fundação Theatro Municipal e Sustenidos apresentam



OLHAR
DE JUDITH'S
GAZE
JUDITH
(DOUBLE BILL)

Orquestra
Sinfônica Municipal

Roberto Minczuk
direção musical

Wouter Van Looy
direção cênica

Wouter Van Looy
e **Carl Bellens**
cenografia

Aline Santini
design de luz

Raimo Benedetti
design de vídeo

Laura Françoço
figurino

Gabriela Schembeck
visagismo

Piero Schlochauer
assistente de direção

Jonas Soares
assistente de cenografia

Folkoperan
e **Muziektheater**
Transparant
coprodução

O CASTELO DE BARBA AZUL

BLUEBEARD'S CASTLE

EDITORA UNIVERSAL EDITION AG

Ópera em um ato
de **Béla Bartók**
com libreto
de **Béla Balázs**

Hernán Iturralde
Barba Azul

Denise de Freitas
Judith

Gilda Nomacce
Judith (papel falado)

EU, VULCÂNICA I, VOLCANIC

Ópera
de **Malin Bång**
com libreto
de **Mara Lee**

Alexandra Büchel
Judith

Laiana Oliveira
Darkness 1

Flavio Mello
Darkness 2

Gilda Nomacce
Judith (papel falado)

Flávio Karpinski
Darkness 2 (ator)



Três vezes Judith
Alessandra Costa
e Andrea Caruso Saturnino



**Abraçando a escuridão
e a aceitação da fluidez**
Wouter Van Looy



**Uma mulher...
uma qualquer**
Andréa M. C. Guerra



**As muitas
vozes de Judith**
Ligiana Costa e bolsistas
de dramaturgismo



**O Castelo de Barba Azul
no Palco e no Acervo
do Theatro Municipal
de São Paulo**

Mariana Brito Santana
e Rafael Domingos Oliveira



32



40

Personagens
e Sinopse



63

Libreto



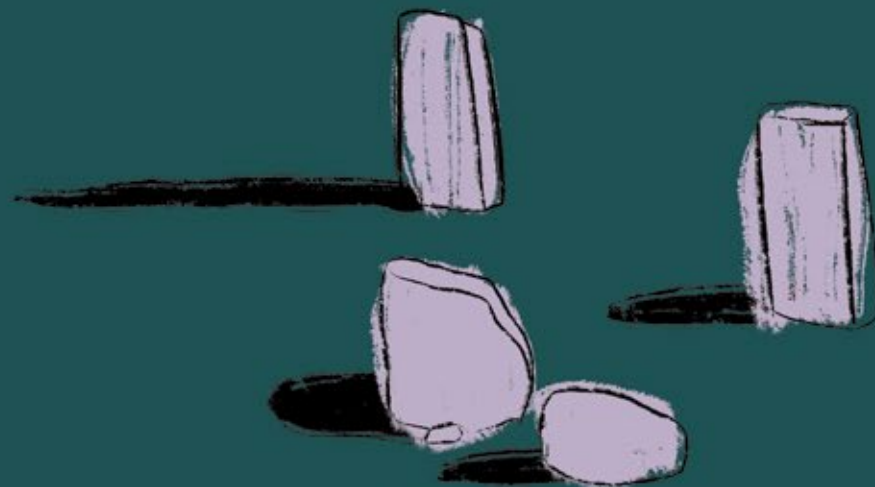
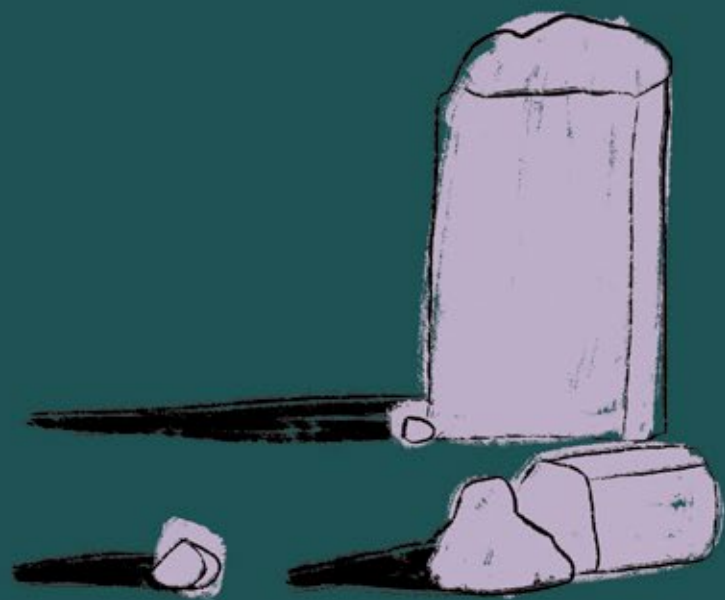
135

Créditos



161

Bem-vindos
à Ópera



TRÊS
VEZES
JUDITH



Entre todas as produções da temporada de 2024, talvez seja esta a mais intimamente conectada ao tema que atravessa a nossa programação do ano: *Imaginar passados, gerar futuros*. É com imenso orgulho que apresentamos *O Olhar de Judith*, um programa que reúne duas obras de profunda relevância e complexidade: *O Castelo de Barba Azul*, de Béla Bartók, com libreto de Béla Balázs, e *Eu, Vulcânica*, uma nova ópera composta por Malin Bång, com libreto de Mara Lee, ambas artistas proeminentes que residem na Suécia. Este acontecimento marca um momento significativo para o Theatro Municipal, ao trazer uma obra especialmente concebida para dialogar com a obra-prima de Bartók, explorando a contemporaneidade da história de Barba Azul, que assombrou as infâncias de tantas meninas.

A inclusão de *Eu, Vulcânica* no programa não é apenas uma celebração da inovação artística, mas também uma afirmação do compromisso do Theatro Municipal com a diversidade e a representatividade. Composta por duas mulheres do século XXI, esta nova ópera oferece uma perspectiva fresca e provocativa sobre a narrativa de Barba Azul, desvendando as nuances e as profundezas emocionais que permeiam essa história atemporal.

Este projeto nos foi trazido pelo encenador belga Wouter Van Looy, que propôs uma coprodução internacional envolvendo a companhia Muziektheater Transparant – da qual é integrante – e o teatro Folkoperan, de Estocolmo. A obra estreou na Suécia, em 2023, e foi inteiramente revista para a estreia no Brasil: a versão original contava com uma orquestra reduzida tocando sobre o palco, mas, diante de nossa proposta de utilizar a formação orquestral original na obra de Bartók, a compositora Malin Bång concordou em reescrever a música para grande orquestra. Da mesma forma, Van Looy concebeu uma nova encenação especialmente para o palco do Theatro Municipal. Sua meticulosa direção traz uma abordagem contemporânea e relevante, conectando o público de hoje com os temas universais de poder, mistério e identidade.

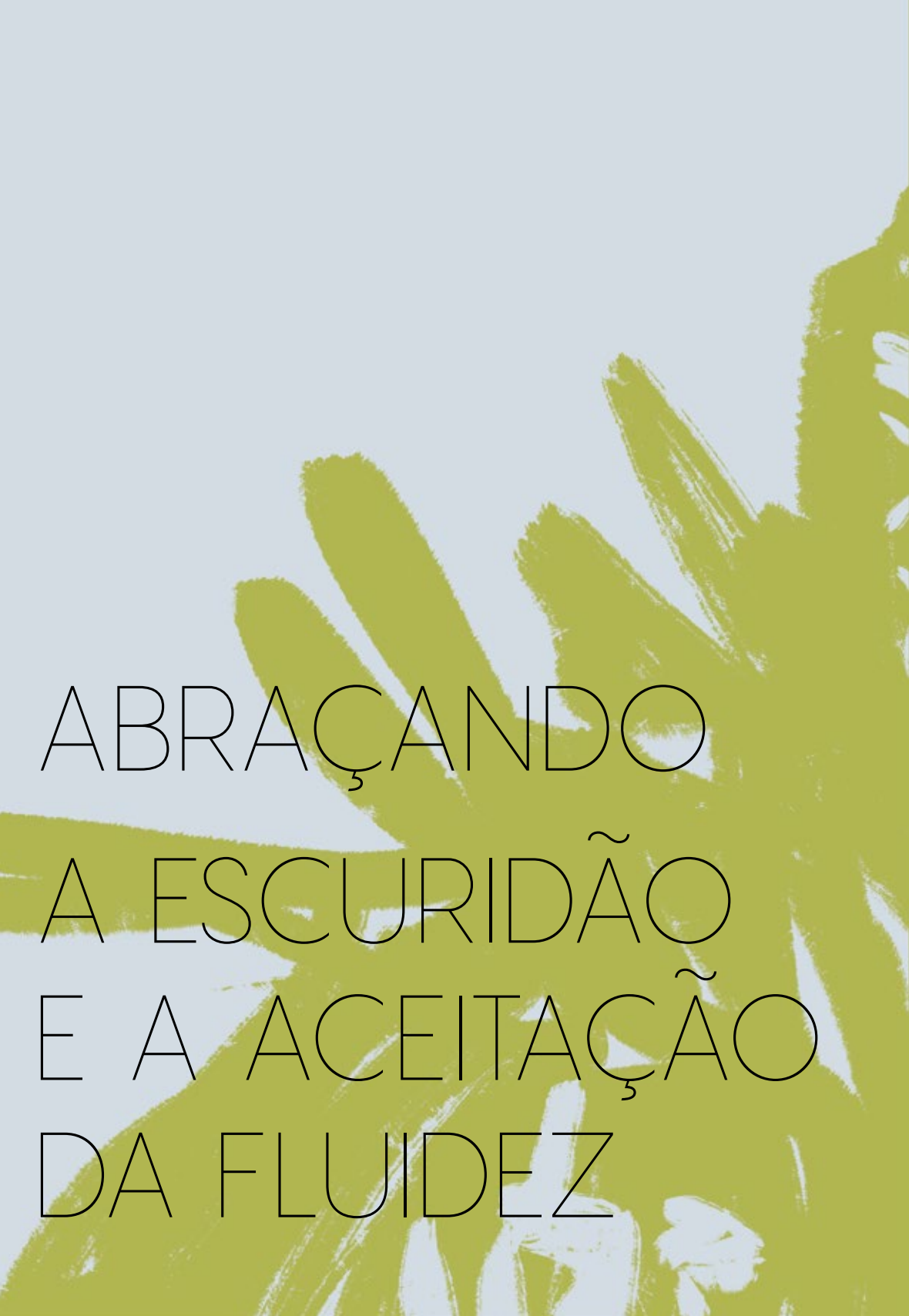
A encenação de *O Olhar de Judith* é enriquecida pela presença de três intérpretes excepcionais, que dão vida às diferentes facetas de Judith. Denise de Freitas interpreta Judith em *O Castelo de Barba Azul* de Bartók, enquanto Alexandra Büchel assume o papel em *Eu, Vulcânica*. A atriz Gilda Nomacce faz a costura entre as duas obras, proporcionando uma continuidade narrativa e emocional que amplifica a experiência do público, oferecendo diferentes tonalidades e complexificando a personagem.

Convidamos todos a se deixarem envolver por esta jornada artística e a refletir sobre as questões profundas e atemporais que nos transbordam. Que esta noite seja uma celebração da arte, da inovação e da capacidade do teatro de nos conectar com o que há de mais humano em nós. Agradecemos sua presença e desejamos a todos um espetáculo memorável.

Andrea Caruso Saturnino
superintendente geral
do Complexo Theatro
Municipal de São Paulo

Alessandra Costa
diretora executiva
da Sustenidos





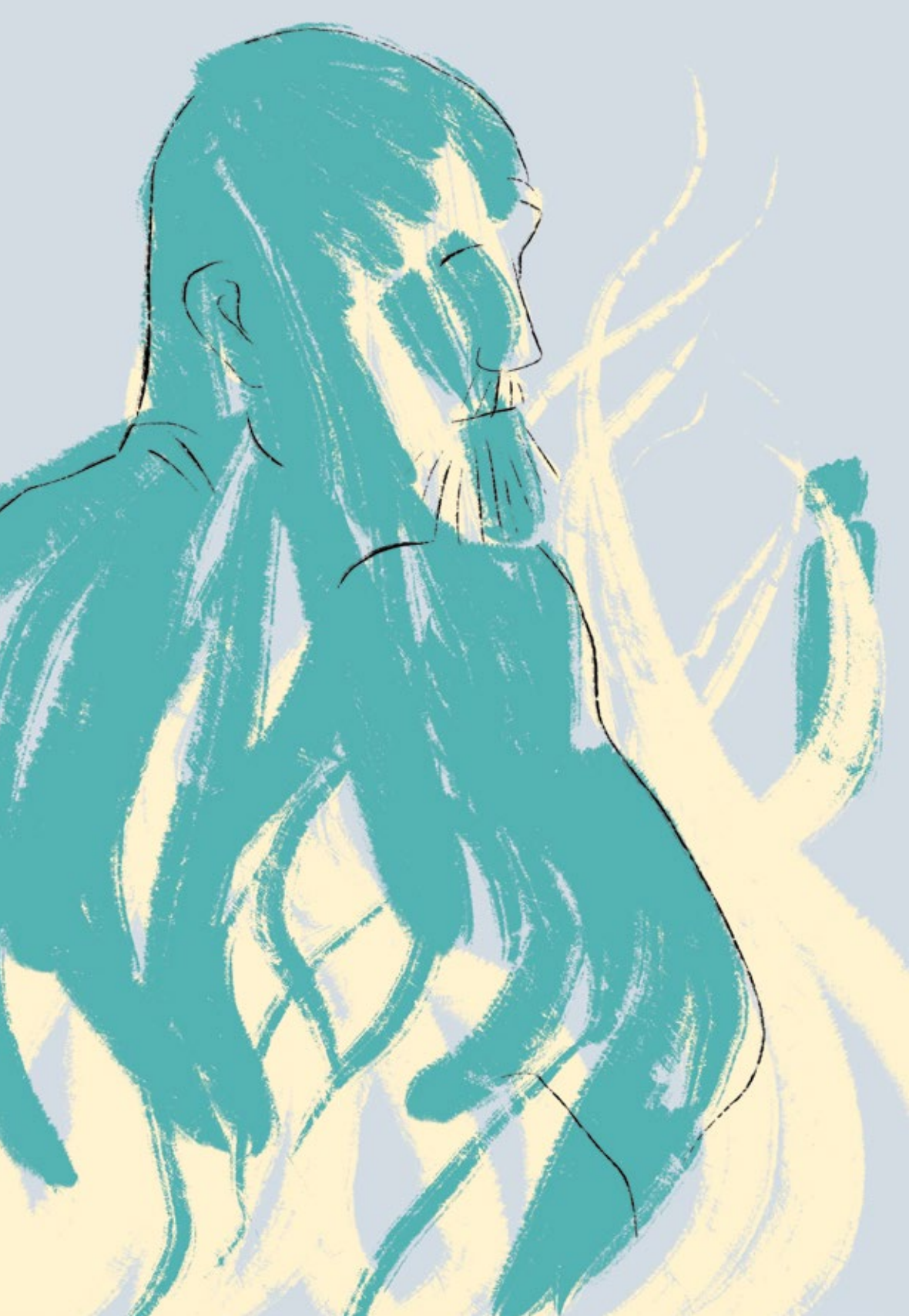
ABRAÇANDO
A ESCURIDÃO
E A ACEITAÇÃO
DA FLUIDEZ


O Castelo de Barba Azul é uma obra que é difícil largar quando você está sob seu feitiço. Béla Balázs transformou a velha história escrita no século XVII por Charles Perrault em um conto simbolista sombrio no estilo de Maurice Maeterlinck. Ele a reescreveu como um drama no qual Judith e Barba Azul, apesar do desejo mútuo de amor, levam um ao outro à destruição. Béla Bartók escreveu sua primeira e única ópera a partir desse texto, e inicialmente não obteve o reconhecimento que esperava. No fim das contas, produziria uma das obras mais fortes da história da ópera clássica ocidental. Contudo, essa partitura maciça e emocionante dura apenas uma hora, de modo que não é percebida como completa, e as casas de ópera estão sempre procurando diligentemente obras com as quais *Barba Azul* possa se engajar em uma dança dramaturgicamente interessante.

Independente de como seja colocada a cena, esse perturbador drama de relações foi escrito por dois homens que viveram em uma sociedade dominada por figuras masculinas no começo do século passado. Com *Judith's Gaze* (*O Olhar de Judith*), duas artistas mulheres do século XXI aceitaram o desafio de escrever uma nova criação em diálogo com uma obra icônica do século XX escrita por dois homens. Com o apoio das casas europeias de produção Muziektheater Transparant (Bélgica) e Folkoperan (Suécia), e do Theatro Municipal de São Paulo, a escritora Mara Lee e a compositora Malin Bång aceitaram o pedido de escrever uma obra nova.

O ponto de partida tornou-se o misterioso texto de abertura de *O Castelo de Barba Azul*. Na tradição dos contos folclóricos, um narrador não especificado de outra forma desafia o público a pensar na questão: onde está o teatro? Está fora ou dentro de nós? O que se abre é a cortina ou apenas nossas pálpebras? Isso nos devolve à questão da verdade e do papel que nossas carências e desejos desempenham em sua percepção.

Em *Judith's Gaze*, Mara Lee dá um passo adiante e penetra mais na pessoa que vê e sua psique. Diante de nós não está um narrador indeterminado referindo-se vagamente a mitos antigos. Diante de nós encontra-se a própria Judith, olhando para sua vida, para como ela caiu, mas também para como tornou a se erguer. Onde o olhar de Balázs e Bartók retrata Judith como uma mulher temerária guiada pela emoção que leva a si mesma para a destruição, Mara Lee e Malin Bång oferecem um quadro mais matizado. Em *7 Dream Sequences* (*7 Sequências de Sonho*) elas pintam o quadro de uma mulher que sabe como aceitar tanto seu lado sombrio quanto o luminoso, e abraçar a liberdade e a fluidez da vida. Da negação da raiva e depressão, ela passa pelos estágios de luto para alcançar a aceitação. Nas ruínas do passado ela constrói um novo mundo como artista a partir de um sonho, que ela compartilha com os estudantes que se manifestaram em 1968 nas ruas de Paris carregando em seu cartaz o slogan “Debaixo dos paralelepípedos está a praia” – a crença de que debaixo das pedras duras da cidade estão escondidos os sonhos de um mundo de liberdade e aceitação. Um mundo suave e quente como uma praia.





UMA
MULHER...
UMA
QUALQUER

Pontuar o texto é tarefa imprescindível num mundo de corpos, semblantes e linguagem androcárnicos. Quem é a autora?

Cantar outros destinos. Rascunhar um novo texto a partir do que não estava lá convida a um outro olhar sobre regimes sexuados de poder.

A perspectiva forja, ao mesmo tempo, o que se vê e o que resta fora da cena. O horror insensível, assustador e fascinante, provoca. Excita. Um ponto de vista que mira o que não se pode ver e arregaça o enquadre.

Obsceno. Obscuro. Obstáculo. É a própria mancha na cena. Ela olha o sujeito de um ponto de vista em que ele próprio não se vê. O que aí se revela?

O desejo ligado à potência do gozo. Êxtase e vergonha. O véu flutua e se pode entrever o objeto, antes recoberto. Representar é dar a ver. Mas também esconder. Flutuação do olhar. Violência da visão.

“A vergonha repousa nas pálpebras”, diz Judith.

“A cortina de minhas pálpebras subiu! O que vejo?”, pergunta Judith.

“É como se eu estivesse me vendo, dentro do meu próprio olhar, e enxergando através das cortinas franzidas da visão”, constata Judith.

Europa medieval. Uma bruxa é queimada viva na França. Ela sabia demais, dominava técnicas de cura – encantamentos? Com sua morte, seu saber tornou-se lastro da medicina: masculina, erétil, dominante. A mulher desestabilizava a ordem racional moderna em ascensão. Esta era a intimidação. Subalternizar, hierarquizar, domesticar. Almejava-se seu lugar.

África. Séculos XII a XIV. Guerreiras iorubás eram definidas por suas expertises de guerra e suas habilidades motoras. Seu sexo era secundário, como testemunham as mais de mil esculturas em pedra-sabão de Ésiè. Homem ou Mulher? Tanto fazia, bastava a força e a agilidade. A mulher é uma invenção ocidental e moderna ensinada nas universidades. Corpos físicos são sempre corpos sociais.

Em aldeias mexicanas no Juchitán, a existência de um terceiro sexo, antes mesmo da divisão social do trabalho, articulava outros mundos possíveis na mesoamérica pré-colombiana. Muxe. O binarismo naturaliza hierarquias entre as posições associadas ao que se estabelece historicamente como feminino e masculino. Falsifica e garante desigualdade.

Avançar sobre a terra, invadir o corpo, deitar ao chão o inimigo. Exibir domínio sobre um poder ancestral. O mapa colonial de Haggard é explicitamente sexual. Terra fêmea, fálica lasca do capital branco. O que o ameaça?

Mulher. Objeto. Propriedade. Privada.

Os séculos de destruição necrofilica atestam uma relação de temor. O masculino treme.

Chile, século XXI. Hino viralizado.

El patriarcado es un juez, que nos juzga por nacer y nuestro castigo es la violencia que no ves... ya ves.

Es feminicidio. Impunidad para el asesino. Es la desaparición. Es la violación.

Y la culpa no era mía, ni dónde estaba, ni cómo vestía.

El violador eras tú.

El violador eres tú.

*Son los pacos. Los jueces. El estado. El presidente.
El estado opresor es un macho violador.*

25 de novembro. Três irmãs. Nada a comemorar.
Nenhuma flor a escolher. Nenhuma lápide a enfeitar.
Não se cultiva o genocídio feminino na guerra global
contra as mulheres. Mas precisamos lembrar. Não deixar
esquecer nem reproduzir. Dia internacional da violência
contra a mulher. Mais nenhuma.

No mundo, um terço das mulheres já sofreu ou
sofre violência física ou sexual simplesmente por ser
identificada com o gênero feminino.

Nas Américas, 1 em cada 4 mulheres e meninas de
15 a 49 anos sofreram violência física e/ou sexual por
um parceiro; 1 em cada 8, por parte de um não parceiro.
Queimar deforma e elimina sem deixar rastro.

No Brasil, em 2023, foram registrados 74.930
estupros; 61,4% das vítimas tinham no máximo 13
anos de idade. Mais de 8 a cada hora. Raça, classe e
identidade de gênero modificam esses dados.

O lugar simbólico do feminino e da mulher, da branca,
da amarela, da vermelha, da parda ou da negra, da rica
e da pobre, da cis e da trans, não é contingência ou
obra do acaso. Do encontro com um corpo sexuado
ao confronto com os modos normatizados de
pertencimento ou apagamento, a violência numa ponta
e a diversidade na outra abrem caminhos distintos nas
encruzilhadas da vida.

Há decisão. Virar a lente, reposicionar a luz, recontar
a ópera. Em eclipse, descentrar.

Já repactuamos nosso texto de herança patriarcal.
Não há retorno.

“Luto é luto é luto é luto.”

Luto é luta é luta é luta.

“Então, eu senti a minha respiração pela primeira vez.”

Judith se reencontra e Mara Lee desestrutura a ópera.

“É apenas um velho mito.”

“Você sabe qual é a diferença entre uma queda e uma
descida?” A resistência.

Andréa M. C. Guerra

psicanalista, professora
e pesquisadora

Foram consultados: Anne McClintock, Anuário Brasileiro de Segurança Pública,
Chiara Bottici, *Féminicides: la Guerre Mondiale contre les Femmes*, Léa Silveira,
Lélia González, María Lugones, Mônica Januzzi, Organização Pan-Americana de Saúde,
Oyèrónkẹ Oyèwùmí, Paula Gunn Allen, Rupī Kaur e Silvia Federici.



AS
MUITAS
VOZES
DE
JUDITH

“Era uma vez um homem que tinha belas casas na cidade e no campo, baixela de ouro e prata, móveis trabalhados e carruagens douradas; mas, por desventura, esse homem tinha a barba azul: isto o fazia tão feio e tão terrível que não havia mulher nem moça que não fugisse ao vê-lo.”¹

“Não há uma interpretação única do que significa a história do Barba Azul [...]. Em vez disso, essa ideia está continuamente evoluindo, sendo remodelada e criando novas histórias a partir da antiga.”²

O fascínio pelo mito de Barba Azul, no consciente e inconsciente humano, é tão intenso que continua a influenciar autores e a ser relido de forma quase constante ao longo da história. Charles Dickens recria essa narrativa em *Capitão Assassino*; roteiristas de audiovisual – desde o popularíssimo *Os Simpsons* até o icônico filme *O Piano* – se inspiram por essa história; e ainda best-sellers como *Mulheres que Correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, mergulham nessa trama para buscar compreender as essências femininas. Sem contar com as diversas vezes em que o mito se materializa em manchetes de casos de feminicídios e violências contra as mulheres nos jornais.

1 Perrault, C., conto “Barba Azul”, do livro *Mamãe Gansa*, 1697.

2 Hermansson, C.E., *Bluebeard: A Reader's Guide to the English Tradition* (tradução nossa), University Press of Mississippi, 2009, p. 21.

A sangrenta história do duque que aprisiona, estrangula e decapita mulheres vem atravessando gerações desde sua cristalização em 1697 na fábula homônima de Charles Perrault, escritor francês conhecido (nesse nosso contexto, ironicamente) como “o pai da literatura infantil” por *Contos de Mamãe Gansa – coletânea* que, além de trazer o conto “Barba Azul”, inclui célebres outros como “A Bela Adormecida”, “A Chapeuzinho Vermelho”, “O Gato de Botas”, “As Fadas”, “Cinderela”, “Henrique – o Topetudo” e “O Pequeno Polegar”.

Na fábula em questão, um nobre, conhecido por sua barba azul, deseja se casar apesar de seu aspecto repulsivo. Finalmente, logo após desposar uma jovem, parte para uma viagem entregando-lhe todas as chaves do castelo, proibindo-a de abrir um quarto específico. Movida pela curiosidade, a esposa desobedece e descobre os corpos das antigas esposas de Barba Azul.

O que poderia ser interpretado apenas como uma sombria história para crianças (na versão de Perrault com um final feliz) é, na verdade, mais uma das adaptações literárias de um mito que se reconfigura ao longo dos séculos, aparecendo repetidamente em culturas distintas. Segundo Casie E. Hermansson, “esta fábula é uma expressão de arquétipos duradouros: o casamento até a morte, o noivo animalesco, e a curiosidade fatal”³. De interpretações literais a versões quase antropológicas do mito, é no início do século XX que essa história ganha contornos psicanalíticos e simbolistas.

O simbolismo se configurou no teatro a partir de 1870 como um contraponto à tradição clássica, abolindo todo quadro-temporal de identificação, seja de algum lugar ou época, seja por meio de textos, figurinos ou cenários. O teatro simbolista teve como um dos principais expoentes Maurice Maeterlinck, autor belga, que se relaciona diretamente com a criação da ópera *O Castelo de Barba Azul*, de Béla Balázs e Béla Bartók, não só por sua escrita dramática, mas por ter se apropriado desse mito num outro libreto musicado por Paul Dukas. Dukas, ao lado de nomes como Ernest Chausson, Gabriel Fauré e Claude Debussy, é um dos principais compositores interessados no simbolismo em música, tão bem descrito por Bartók em carta à Márta Ziegler: “Somente em nossa

3 Idem, p. 11.

época há lugar para a pintura do sentimento de vingança, do grotesco e do sarcástico. Por isso a música de hoje poderia se chamar realista, porque, diferente do idealismo de épocas anteriores, se estende com honestidade a todas as emoções humanas reais sem excluir nenhuma”.⁴

Béla Balázs, que inicialmente ofereceu seu texto ao compositor Zoltán Kodály, encontrou em Bartók um companheiro disposto a defender a jornada de Judith e Barba Azul através das sete portas desse castelo, ou dessa alma sombria do protagonista masculino. Uma vez pronta a ópera, Bartók a enviou para dois concursos diferentes – no segundo, a partitura sofreu algumas modificações –, sendo desclassificada em ambos. Os membros do júri de um desses concursos chegaram a dizer que essa era uma ópera irrepresentável porque tinha apenas dois personagens e se desenrolava em um único espaço. A esta afirmação, Bartók responde de forma flagrante que sua obra, de fato, “somente oferece o conflito espiritual entre dois indivíduos e a música não faz mais do que representar esse conflito com uma simplicidade abstrata. Nada mais acontece no palco”.⁵

Balázs deu ao mito características simbolistas importantes. Uma delas é o próprio nome da protagonista feminina, Judith, sem nome no conto original de Perrault. Uma interessante leitura do musicólogo Carl Leafstedt conecta a escolha desse nome à figura bíblica homônima que decapita Holofernes. Dessa forma, o libretista teria justaposto de forma simbólica o decapitador de mulheres à decapitadora de homens:

Em um drama imbuído de simbolismo, dificilmente pode ter sido um acidente que Balázs tenha escolhido como nome da nova esposa de Barba Azul o nome da conhecida mulher bíblica que mata um homem para salvar seu povo. (...) No início do século 20, na época em que Bartók e Balázs estavam escrevendo ‘O Castelo do Barba Azul’, o nome Judith era fortemente identificado, em círculos artísticos, com a imagem de uma mulher fatalmente sedutora. Assim como Salomé, cuja popularidade como tema de representações artísticas supera em muito a de Judith, esta última era frequentemente retratada como uma jovem mulher de considerável atração sexual.⁶

4 Frigyesi, J., *Bela Bartok and Turn-Of-The-Century Budapest* (tradução nossa), University of California Press, Berkeley e Los Angeles, 1998, p. 120.

5 Leafstedt, C.S., *Inside Bluebeard's Castle: Music and Drama in Béla Bartók's Opera* (tradução nossa), Oxford University Press, 2005, p. 14.

6 Idem, p. 185.

Outra importante adição simbólica foi a abolição da estrutura operística de atos para dar espaço à utilização do próprio cenário como divisor da narrativa. Assim, ao invés de transgredir e abrir o quarto proibido sozinho, na ópera, Judith está sempre acompanhada de Barba Azul enquanto abre as sete portas do seu castelo numa tentativa quase constante de trazer luz para esta construção – ou para esta alma – sombria.

Cada uma das portas é também carregada de simbolismo: a primeira porta abre uma câmara de tortura, seguida por um arsenal de armas; na segunda, um jardim florido; na terceira, um lago de lágrimas; na quarta, o reino de Barba Azul; na quinta (a mais emblemática do ponto de vista musical), o tesouro; na sexta porta e, finalmente, na sétima, quatro outras esposas ainda vivas. Ou quase. Judith então dialoga com cada uma das esposas que representam, respectivamente, o amanhecer, o meio-dia, o crepúsculo e a meia-noite. Este será o lugar de Judith: a noite escura dentro de um castelo escuro.

Balázs, que inicialmente cita o castelo como uma *dramatis persona* (prova de seus intuitos simbolistas), afirma num conjunto de “notas sobre o texto” escritas em 1915 para o produtor vienense Josef Kalmer: “O castelo do Barba Azul não é um castelo de pedra realista. O castelo é a sua alma. É solitário, escuro e secreto: o castelo de portas trancadas [...] Neste castelo, em sua própria alma, Barba Azul acolhe sua amada. E o castelo (o palco) estremece, suspira e sangra. Quando a mulher entra nele, ela entra em um ser vivo”⁷. Além da radical decisão de quebrar a estrutura de atos e de colocar apenas dois cantores no palco, a obra ainda possui duração de apenas uma hora, sendo tradicionalmente apresentada em formato de *double bill*. Cabe então à equipe criativa do espetáculo propor o casamento ideal para este *Barba Azul* – e aqui não estamos sendo irônicos.

É neste intuito que a compositora Malin Bång e a escritora Mara Lee compuseram *Eu, Vulcânica*, não apenas uma ópera como complemento à de Bartók, mas uma nova leitura da personagem de Judith, que,

⁷ Anderson, V. e Pollock, G., *Bluebeard's Legacy: Death and Secrets from Bartók to Hitchcock* (tradução nossa), University of Chicago Press, 2009, p. 55.

após adentrar na escuridão de *O Castelo de Barba Azul*, dialoga com seus fantasmas e sonhos.

Se à Judith é negada sua voz interior, ou seu castelo, segundo algumas leituras dessa trama, aqui nos parece importante fazer, assim como este espetáculo se propõe, o caminho oposto: dar às mulheres a palavra final. Enviamos às duas criadoras algumas perguntas que compartilharemos aqui.⁸

Malin Bång compositora

Diferentemente de compor uma ópera do zero, neste caso você compôs uma ópera em resposta à de Béla Bartók e, inclusive, compôs um novo prólogo para *O Castelo de Barba Azul*. Quais as semelhanças e as diferenças de compor essa ópera em resposta a uma já estabelecida e quais características musicais da ópera de Bartók te chamaram a atenção ou mesmo te inspiraram na composição de *Eu, Vulcânica*?

No início do projeto, decidimos que era necessário um novo texto escrito especificamente para esta produção, para que a nova ópera pudesse reagir, espelhar ou talvez até vingar *O Castelo de Barba Azul*, através de ângulos que nossa autora Mara Lee e o resto da equipe artística consideraram relevantes e vitais para o tempo em que vivemos. E nosso ponto de partida foi dado: focar em Judith como o tema da peça. Acho fascinantes as múltiplas camadas de *O Castelo de Barba Azul*: de um ângulo, mostra a destruição brutal de uma pessoa, mas há várias outras perspectivas interessantes – o equilíbrio de poder entre os gêneros, o comportamento de grupos privilegiados na sociedade em relação aos grupos oprimidos, e também nossas salas mentais escondidas e perguntas sobre quanto a “verdade” é saudável em um relacionamento.

Mara Lee criou a reação de Judith às suas experiências no castelo como uma confrontação poética e furiosa. Através das sete fases do processo de luto, seguimos seu desenvolvimento da escuridão e do autodesprezo para uma exploração de si mesma com uma nova voz artística independente.

8 Tradução nossa.

Na peça de Bartók, me inspirou a rica e simbólica orquestração e o fluxo elástico dela, seguindo sem interrupções o processo do drama. Em Bartók, existem as sete portas, e em *Eu, Vulcânica* isso é espelhado nas sete sequências de sonhos. Você ouvirá alguns fragmentos melódicos de Bartók, que permanecem na memória de Judith desde seu estado inicial, feliz no castelo. Na verdade, todo o material tonal da minha peça é baseado em células melódicas de Bartók. A orquestração da minha peça também é simbólica: a orquestra age como uma escultura tímbrica que segue o processo emocional e físico de Judith. Os ambientes sonoros são descritos no texto pelos quatro elementos – terra, ar, fogo e água –, e estes são simbolicamente representados na orquestra.

Uma diferença entre *Eu, Vulcânica* e *O Castelo de Barba Azul* é como as vozes são usadas. Em *Eu, Vulcânica*, a transformação de Judith se manifesta em sua voz – gritos e glissandos seguem sua queda na escuridão. Gradualmente, ela é fragilizada pela percepção de sua situação, e sua voz se torna cada vez mais rouca e difícil de controlar. Ela gradualmente perde a voz e, em parte da performance, fica completamente muda. Um estado cheio de frustração e tentativas infrutíferas de comunicação, até que ela concentra sua atenção para dentro. Finalmente, ela consegue recuperar alguma força e começa a investigar uma nova voz, letra por letra, em um contexto ininterrupto, livre de expectativas. Em vez de tentar controlá-las, ela as envolve em uma abordagem criativa para reinventar sua voz e sua relação física com ela.

Esta ópera é atravessada pelas questões de gênero. Entretanto, a música erudita também apresenta essa problemática da ênfase em compositores homens que possuem mais destaque e validação social. Como você, uma compositora mulher no século XXI, trata essas questões no seu posicionamento como artista e na sua trajetória?

Dentro do gênero operístico, é de certa forma ultrajante como quase todos os clássicos apresentados repetidamente ao redor do mundo são compostos por alguns poucos compositores mortos da Itália,

Alemanha, Áustria ou França. Felizmente, podemos ver uma mudança acontecendo agora – públicos em diferentes países desejam dramas atualizados relacionados a questões do nosso tempo, e mais óperas contemporâneas estão no centro das atenções.

Para mim, como compositora de música para cena, é essencial escolher cuidadosamente os assuntos das óperas que componho: quem são os personagens principais e se eles trazem novos enfoques aos assuntos. Como um coletivo artístico maior, acredito que qualquer história contada, seja no palco, em um livro ou em uma tela, deve ser muito cuidadosamente pensada – como retratamos as pessoas e suas relações e por quê?

Eu sou mulher, mas faço parte do campo eurocêntrico. Então, há uma interseccionalidade ao refletir sobre a estrutura hierárquica tradicional. Mas, como qualquer pessoa criativa, eu gostaria apenas de compor a música em que acredito, sem ser categorizada com base na minha identidade. Nós, que pertencemos a uma minoria no campo artístico, temos a tarefa de continuar incansavelmente o trabalho que queremos fazer, sem seguir normas estabelecidas. Qualquer instituição que atue como curadora de música precisa ter consciência de quais músicas são escolhidas para serem apresentadas e por quê. De quem é a voz ouvida? Através dessa consciência, gradualmente mais vozes diferentes podem se expressar e, esperamos, poderemos incluir nas expressões artísticas uma multidão de vozes diferentes que ainda não tiveram essa chance.

Mara Lee libretista

Apesar de ser simbolista, há uma questão de gênero muito clara na ópera original, composta e escrita por dois homens. Como essa camada simbolista e essa questão de gênero são abordadas no novo título, uma vez que até hoje nos deparamos no dia a dia com situações reais dignas de uma figura como Barba Azul?

A perspectiva de gênero foi certamente relevante em nosso trabalho, mas também foi importante ir além dos pensamentos binários que facilmente ficam presos em

ideias fixas de masculinidade e feminilidade. Para mim, era fundamental criar mais espaço para Judith, uma mulher a quem é permitido falar com diferentes vozes, uma personagem multifacetada que viveu e sobreviveu. Um dos aspectos mais cruciais foi desenvolver uma personagem que sobreviveu à violência, mas não é reduzida a ser identificada apenas pela sua dor. Mesmo carregando uma história de violência, uma pessoa pode amar, eventualmente encontrar sua criatividade e escrever suas próprias novas histórias – em outras palavras, não ser definida apenas como uma vítima de violência.

Ao mesmo tempo, é essencial enfatizar que a violência e o sofrimento, assim como a dor e a fraqueza, devem ter seu lugar. Uma protagonista feminina não deve ser forçada a ser forte para ser ouvida, não deve ser obrigada a adotar atributos tradicionalmente masculinos para que possamos ouvi-la. Ela não precisa ser corajosa para ter o direito de sobreviver. Ela também pode ser fraca, insignificante, triste e ter uma voz quieta e murmurante. Em outras palavras, uma pessoa que encarna toda a gama da experiência humana.

Usar e trabalhar com os quatro elementos – terra, fogo, água e ar – tornou-se uma maneira de transmitir visual e sensorialmente essa totalidade, permitindo-nos conhecer não apenas a vítima ou sobrevivente Judith, mas o ser humano, a mulher.

Há um novo prólogo escrito por você para a ópera de Bartók que nos sugere que, apesar de duas óperas apresentadas em *double bill*, podemos entender que esses dois títulos se interligam em um conceito único. Quais novas leituras *Eu, Vulcânica* trará sobre *O Castelo de Barba Azul* para o público que assistir a *O Olhar de Judith*?

Os homens difíceis, sombrios e um tanto perigosos são um *tópos* recorrente em muitas culturas, tornando o tema dominante em *O Castelo de Barba Azul* atemporal e universal. Em outras palavras, é bastante fácil traduzir Barba Azul para o nosso mundo contemporâneo: muitas mulheres (e homens!) são atraídas por esse tipo de escuridão, o tipo ligeiramente perigoso e difícil que Barba Azul encarna. Esse fascínio percorre a história literária,


**Alicia Oliveira,
Gabriel Labaki
e Karina Koren**

bolsistas de dramaturgismo
sob orientação de

Ligiana Costa

especialmente em narrativas inspiradas no gótico (por exemplo, Heathcliff em *O Morro dos Ventos Uivantes*). Em suma, amamos homens complexos que guardam um segredo sombrio. Isso não envolve, necessariamente, tendências masoquistas ou submissão feminina; é um dos muitos *tópos* e dinâmicas eróticas que existem, e não é mais maligno ou pior do que outros.

Uma das contribuições que *Eu, Vulcânica* pode oferecer é lançar luz sobre as formas de desejo feminino em relação a essa escuridão. Em outras palavras: o que ela quer? O que Judith quer? Quem é ela que se apaixonou pela escuridão? O que a motiva? E por que esse amor não deve ser visto como uma expressão de submissão, mas sim como uma forma de ela exercer agência e reivindicar seu próprio desejo?



O CASTELO DE
BARBA AZUL
NO PALCO E
NO ACERVO
DO THEATRO
MUNICIPAL DE
SÃO PAULO

No acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo (CTMSP) encontramos documentos que registram as passagens da ópera *O Castelo de Barba Azul* em nosso palco.

A partir da pesquisa no acervo, é possível afirmar que *O Castelo do Barba-Azul* estreou em São Paulo em 18 de outubro de 1996, com uma montagem em forma de concerto da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) e participação do Coral Paulistano. Na ocasião, a soprano Eva Marton deu vida a Judite e o baixo Csaba Airizer interpretou o Duque Barba-Azul. No programa, com direção musical e regência de Isaac Karabtchevsky, também foi apresentado *O Pássaro de Fogo*, de Stravinsky. Durante o concerto foram projetadas ilustrações criadas pelo artista plástico Fernando Anhô.

O programa de sala traz uma ilustração que sintetiza o enredo: do lado direito, o casal Barba-Azul e Judite com os rostos próximos. Ele está olhando fixamente para a esposa e parece sussurrar algo em seus ouvidos. Ela está de olhos semicerrados, numa espécie de transe. Do lado esquerdo, a representação das sete portas do castelo que guardam os segredos da personalidade do duque.

THEATRO MUNICIPAL
SÃO PAULO

Orquestra Sinfônica Municipal

Direção Musical e Regência
Isaac Karabtchevsky



BÉLA BARTÓK
O CASTELO DO BARBA-AZUL, Op. 11 (1911)

EVA MARTON, *soprano*
CSABA AIRIZER, *baixo*

◆
IGOR STRAVINSKY
O PÁSSARO DE FOGO
SUITE (1919)

18 de outubro, 20h30 - 20 de outubro, 10h30

Capa e ficha técnica de programa de espetáculo do Theatro Municipal de São Paulo, 1996. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

PROGRAMA

I Parte

BÉLA BARTÓK
O CASTELO DO BARBA-AZUL, Op. 11 (1911)
Ópera em um ato, em versão de concerto
Libreto de BÉLA BALAZS

EVA MARTON, *soprano*
CSABA AIRIZER, *baixo*

Vozes extras: Membros do Coral Paulistano

intervalo

II Parte

IGOR STRAVINSKY
O PÁSSARO DE FOGO
SUITE (1919)
Introdução: A Dança do Pássaro de Fogo
Variação do Pássaro de Fogo
Ronda das Princesas
Dança Infernal de Kastlei
Berceuse
Final



Em 11 de maio de 2008, a ópera *O Castelo do Barba-Azul* foi apresentada no palco do Theatro Municipal de São Paulo, pela primeira vez em uma montagem completa. Realizada pela Fundação Clóvis Salgado, com direção musical e regência de Rodrigo Carvalho e direção cênica de Felipe Hirsch, a montagem estreou dois anos antes no Palácio das Artes, em Belo Horizonte.

O baixo-barítono Stephen Bronk foi escalado para viver o Duque Barba-Azul, enquanto Judite foi interpretada pela soprano Céline Imbert. A montagem contou ainda com a participação do ator Guilherme Weber, que declamou o prólogo que vemos no destaque do programa:.



Capa de programa de espetáculo do Theatro Municipal de São Paulo, 2008. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória –Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

Ficha técnica de programa de espetáculo do Theatro Municipal de São Paulo, 2008, e prólogo do libreto de *O Castelo do Barba-Azul*. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

DUQUE BARBA-AZUL **STEPHEN BRONK** *báixo-barbano*
JUDITE **CÉLINE IMBERT** *soprano*
PRÓLOGO **GUILHERME WEBER** *ator*

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

DIREÇÃO MUSICAL E REGÊNCIA **RODRIGO DE CARVALHO**
DIREÇÃO CÊNICA **FELIPE HIRSCH**
CENÁRIOS E FIGURINOS **DANIELA THOMAS**
ILUMINAÇÃO **BETO BRUEL**
DESIGNER DE PROJEÇÃO **HENRIQUE MARTINS**
EFEITOS SONOROS **KIKO KLAUS**
VISAGISMO **ELISEU CABRAL**
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO **ELIANE LAX**

ASSISTENTE DE DIREÇÃO MUSICAL **ERICA HINDRIKSON**
ASSISTENTE DE DIREÇÃO CÊNICA **MURILO HAUSER**
ASSISTENTE DE CENÁRIO E FIGURINOS
IARA TERZI ITO e TÂNIA MARA MENECCUCCI
ASSISTENTE DE VISAGISMO
AILTON JUNIOR e CHRISTIAN MORELHE
PIANISTAS PREPARADORES
CECÍLIA MOITA e MARCOS ARAGONI

MONTAGEM ORIGINAL DA
FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO,
EM OUTUBRO DE 2006, APRESENTADA NO
PALÁCIO DAS ARTES DE BELO HORIZONTE

O Castelo do Barba-Azul

ópera em um ato de **BÉLA BARTÓK**
libreto de **BÉLA BALÁZS**

“A minha balada é sobre a vida interior.
O castelo não é de pedras.
O castelo é a sua alma.
É solitário, escuro e secreto: o castelo
de portas fechadas.”
(**BÉLA BALÁZS**)

LIBRETO

PRÓLOGO

Ó, este canto que conto,
Onde será que eu te escondo?
Era uma vez... dentro ou fora?
Como entender essa estória,
Meus senhores, minhas senhoras?

Vejo vocês, vocês a mim,
Nossos olhos sem cortina. Sim...
Soa a voz nessa hora:
O palco está dentro ou fora,
Meus senhores, minhas senhoras?

Estar triste, estar feliz,
Coisas que mudam num triz,
O mundo lá fora cheio de guerras
Mas não morremos por elas,
Meus senhores, minhas senhoras.

Todos juntos nos olhamos
E a nossa canção entoamos.
Podem dizer d'onde a aprendemos?
Ouçamos e admiremos,
Meus senhores, minhas senhoras.

A música arde no ar,
Já pode a peça começar.
Do olhar abro a cortina,
Aplaudam depois, se tudo termina,
Meus senhores, minhas senhoras.

É muito antigo o castelo,
Antiga é a lenda que o conta.
Também vocês, ouçam agora!



Foto: Béla Bartók ao lado de camponeses húngaros, registrando canções folclóricas, 1908. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

Recorte de texto publicado no jornal *O Estado de S.Paulo* sobre a ópera *O Castelo do Barba-Azul* no dia 8 de maio de 2008.

Série: Recortes de Jornais. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

Quando estreou, o caráter um tanto estático da ação de *O Castelo do Barba-Azul* não agradou muito à crítica e ao público. O tempo, porém, faz com que aquilo que um dia foi “defeito” da ópera seja hoje um de seus aspectos mais interessantes – o caráter estático não pode ser confundido com falta de ritmo dramático, pelo contrário, deve estimular o desafio de se recriar no palco uma ação que se passa essencialmente na mente dos personagens. E é esse um dos grandes trunfos da montagem de Felipe Hirsch, no que é bastante ajudada pelos cenários e pela luz de Daniela Thomas. Uma grande rampa colocada no palco vai se desmembrando e revelando as sete portas do castelo, colocando os cantores em meio a um mosaico de projeções que fazem com que, a certa altura, fique difícil distinguir entre o que é cenário (castelo) e pensamento.

Além dos programas de espetáculo, a pesquisa no acervo revelou a repercussão da ópera na imprensa em 2008. A direção cênica de Felipe Hirsch foi aclamada por sua abordagem minimalista e pelos estímulos visuais do cenário e iluminação, assinados por Daniela Thomas.

Um dos destaques, o trabalho cenográfico foi marcado por recursos como rampas móveis, espelhos e projeções para ambientar a trama. Na montagem, as rampas espelhadas refletem os personagens e as projeções que revelam os segredos guardados atrás de cada porta. A seguir, algumas imagens que compõem o programa de espetáculo:



Fotografias de autoria desconhecida:
Stephen Bronk e Céline Imbert nos
papéis de Duque Barba-Azul e Judite
em *O Castelo do Barba-Azul*, 2008.
Série: Recortes de Jornais. Coleção do Museu
Theatro Municipal de São Paulo. Centro de
Documentação e Memória – Praça das Artes –
Complexo Theatro Municipal de São Paulo.



Este texto integra as ações do Núcleo de Acervo e Pesquisa (NAP), que busca apresentar ao público fragmentos históricos das montagens das óperas da atual temporada lírica a partir de itens documentais do acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo. O NAP é constituído por uma equipe multidisciplinar que desenvolve estratégias de documentação, conservação preventiva e pesquisa do acervo, visando sua preservação e difusão. Constituído por uma variada gama de itens documentais e coleções de diferentes tipos e suportes, o acervo está acondicionado no Centro de Documentação e Memória (na Praça das Artes) e na Central Técnica de Produções Chico Giacchieri (situada no bairro do Canindé), além das obras expostas nas dependências do edifício histórico do Theatro Municipal. Pesquisadores e o público em geral podem consultar parte dessa memória por meio do Portal do Acervo ou solicitando agendamento via formulário disponível na página do NAP no site do Theatro Municipal.

Mariana Brito Santana
pesquisadora

**Rafael Domingos
Oliveira**
coordenador do Núcleo
de Acervo e Pesquisa

PERSONAGENS E SINOPSE



O Castelo de Barba Azul

Ópera em um ato

Música de **Béla Bartók**

Libreto de **Béla Balázs**

Estreia em 24 de maio de 1918,
na Ópera Estatal Húngara, em Budapeste

Personagens

Barba Azul / baixo-barítono

Judith / mezzo soprano

Judith (papel falado) / prólogo

Esposas de Barba Azul / papel sem fala

Sinopse

Judith, após abandonar seu noivo e seus pais, chega à residência de seu novo marido, Barba Azul, um duque conhecido por desaparecer com as esposas. Ao entrar em seu castelo, Judith pede para abrir todas as portas da morada com o intuito de trazer luz ao local, insistindo que suas exigências se baseiam no amor que sente por ele. Barba Azul recusa, argumentando que há certos espaços que não devem ser conhecidos por mais ninguém. No entanto, após a insistência de Judith, Barba Azul acaba cedendo.

A protagonista inicia o processo de abertura de sete diferentes portas que revelam, em ordem, uma câmara de tortura, um arsenal de armas, uma sala com seus tesouros, um jardim secreto, os domínios de seu marido e um lago de lágrimas. Entre cenários aterrorizantes e encantadores, há algo que se repete em quase todos: manchas de sangue de procedência desconhecida.

A sétima porta é motivo de uma particular proibição, mas, depois da insistência de Judith, o conteúdo é revelado, à custa de sua própria desgraça: é nessa sala que estão outras três mulheres do duque. É nesse momento que se sela o destino de Judith.

Eu, Vulcânica

Música de **Malin Bång**

Libreto de **Mara Lee**

Estreia em 19 de abril de 2023,
no Folkoperan, em Estocolmo

Personagens

Judith / voz feminina

Darkness 1 / voz feminina

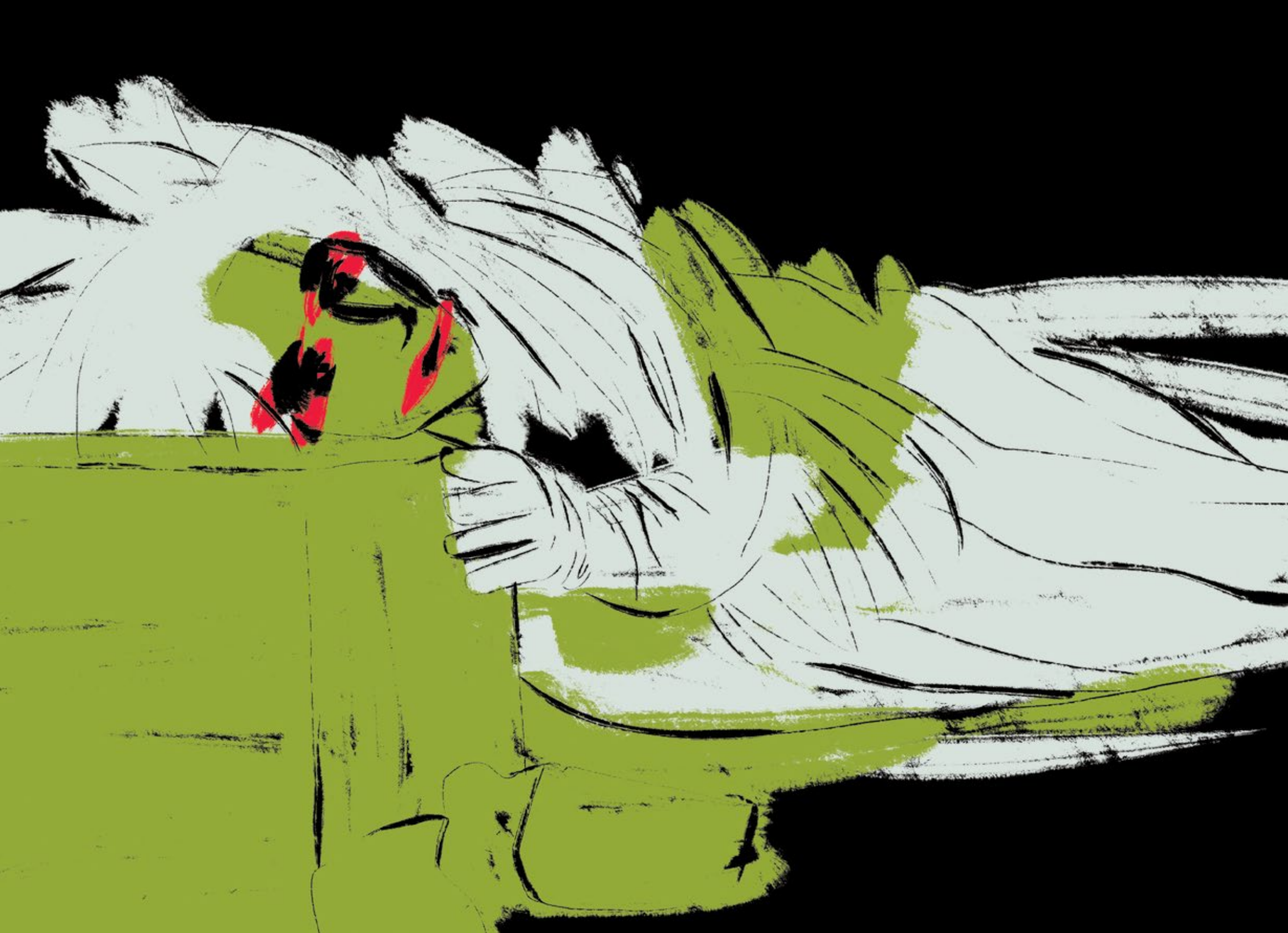
Darkness 2 / voz masculina e ator

Judith (papel falado) / narração

Sinopse

Judith retorna ao local onde encontrou sua infelicidade e seu horizonte foi destruído. Das ruínas de seu relacionamento, ela lentamente se levanta outra vez. Do choque à raiva e à depressão, ela passa pelos estágios do luto até a aceitação. Ela ressurgue das cinzas e aprende a dar a si mesma uma nova identidade. Não é uma identidade com horizonte fixo e lar sólido. Ela rompe convenções e expectativas, e abraça a liberdade. Mulher independente, ela se levanta dos escombros que cocriou e constrói o mundo que deseja para si.

O Olhar de Judith conta a história de uma mulher que perde sua identidade em um relacionamento fatal, mas também como ela reconstrói sua autoimagem e identidade passo a passo após a destruição. *O Olhar de Judith* também conta a história de um homem que, apesar de seu enorme desejo de amor, não consegue construir um relacionamento e fica sempre na tristeza e na escuridão.





















O CASTELO DE
BARBA AZUL
BLUEBEARD'S CASTLE

PROLÓGUS



PRÓLOGO

Haj regő rejtem
hová, hová rejtsem...
Hol, volt, hol nem:
kint-e vagy bent?
Régi rege, haj mit jelent,
Urak, asszonyságok?

Im szólal az ének.
Ti néztek, én nézlek.
Szemünk,
pillás függőnye fent:
Hol a szinpad:
kint-e vagy bent,
Urak, asszonyságok?

Keserves és boldog
nevezetes dolgok,
az világ kint haddal tele,
de nem abba halunk bele,
urak, asszonyságok.

Nézzük egymást, nezzük,
regénket regéljük.
Ki tudhatja honnan hozzuk?
Hallgatjuk
és esodálkozunk,
urak, asszonyságok.

(A függőny szétválk a háta mögöt)

Zene szól, a láng ég.
Kezdődjön a játék.
Szemem pillás függőnye fent.
Tapsoljatok majd, ha lement,
urak, asszonyságok.

Régi vár, régi már
az mese ki róla jár.
Tik is hallgassátok.

Era uma vez.
Onde isso aconteceu?
Fora
ou dentro?
A história é antiga, o que ela quer dizer,
senhoras e senhores?

A cantiga prossegue.
Olhe para mim como olho para você.
A cortina
de nossas pálpebras subiu.
Onde está o palco:
fora ou dentro,
senhoras e senhores?

Amargas e alegres
são as histórias ao nosso redor,
mas os exércitos do mundo
não determinam nossa história,
senhoras e senhores.

Nós nos entreolhamos,
contamos nossa história.
Não importa de onde viemos.
Nós a ouvimos
com assombro,
senhoras e senhores.

(A cortina sobe atrás do bardo)

A música toca, o fogo está aceso.
Que a peça comece.
A cortina de minhas pálpebras subiu.
Prestem atenção até baixar de novo,
senhoras e senhores.

Antigo é o castelo, antiga é a lenda
encerrada em seus muros.
Observem com atenção.

SZÖVEGKÖNYV



TEXTO

Halatmas kerek gótikus csarnok. Balra meredek lépcső vezet fel egy kis vasajtóhoz. A lépcsőtől jobbra hét nagy ajtó van a falban; négy még szemben, kettő már egész jobboldalt. Különbensem ablak, se dísz. A csarnok üres, sötét, rideg, sziklabarlanghoz hasonlatos. Mikor a függöny szétválik, teljes sötétség van a színpadon, melyben a regős eltűnik. Hirtelen kinyílik fent a kis vasajtó és a vakító fehérnégyszögben megjelenik a Kékszakállú és Judit fekete sziluettje.

Kékszakállú Megérkeztünk.
Íme lássad:
Ez a Kékszakállú vára.
Nem tündököl,
mint atyádé.
Judit, jöss-e még utánam?

Judit Megyek, megyek
Kékszakállú.

Kékszakállú Nem hallod a vészharangot?
Anyád gyászba öltözködött,
atyád éles
kardot szijjaz,
testvérbátyád
lovat nyergel.
Judit, jöss-e még utánam?

Judit Megyek, megyek
Kékszakállú.

(A Kékszakállú lejön egészen és visszafordul Judit felé, aki a lépcső közepén megállt. Az ajtón beeső fénykéve megvilágítja a lépcsőt és kettőjük a lakját.)

Kékszakállú Megállsz Judit?
Mennél vissza?

Judit *(mellre szorított kézzel)*
Nem. A szoknyám akadt
csak fel,
felakadt szép selyem szoknyám.

Kékszakállú Nyitva
van még fent
az ajtó.

Salão gótico amplo e circular. Uma escada íngreme, à esquerda, conduz a uma pequena porta de ferro. À direita da escada, sete portas enormes, quatro das quais de frente para o público, as últimas duas ao lado. Nada de janelas ou decoração. O salão é vazio, escuro e sinistro como uma caverna escavada no coração de uma rocha sólida. Quando a cortina sobe, o palco está em completa escuridão. O bardo recua e é engolido pelas trevas. De repente, a pequena porta de ferro no topo da escada se abre e, na ofuscante abertura branca, aparecem as silhuetas negras das figuras de Judith e Barba Azul.

Barba Azul Estamos aqui.
Veja finalmente
o castelo de Barba Azul.
Não é alegre
como o do seu pai.
Judith, responda, você vem?

Judith Vou, vou,
querido Barba Azul.

Barba Azul Você ouve os sinos a tocar?
Menina, sua mãe está triste,
seu pai
pegou espada e escudo,
seu irmão
montou na sela.
Judith, responda, você vem?

Judith Vou, vou,
querido Barba Azul.

*(Barba Azul está embaixo da escada.
Vira-se para olhar para Judith, que parou na
metade da descida. O raio de luz da porta
aberta ilumina ambos diretamente.)*

Barba Azul Querida Judith,
está com medo?

Judith *(com a mão no peito)*
Não. Minha saia esvoaçante
se enroscou, algo prendeu
os babados de seda...

Barba Azul Veja,
a porta
continua aberta.

Judit Kékszakállú!
(Lejön néhány lépcsőt.)
Elhagytam az apám, anyám,
elhagytam szép testvérbátyám,
(Közben lejön egészen.)
elhagytam a völegényem,
hogy váradba eljöhessek
Kékszakállú!
(A Kékszakállúhoz simul.)
Ha kiüznél,
küszöbödne1 megállanék,
küszöbödre lefeküdnék.

Kékszakállú Most csukódjon
be az ajtó.

*(A kis vasajtó fent becsukódik. A csarnok világosabb
marad, de csak épphogy a kétalak és a hét nagy
fekete ajtó látható. Judit a Kékszakállú kezét fogva
tapogatódzva előrejön, a bal fal mellett.)*

Judit Ez a Kékszakállú vára!
Nincsen ablak?
Nincsen erkély?

Kékszakállú Nincsen.

Judit Hiába is süt kint a nap?

Kékszakállú Hiába.

Judit Hideg marad?
Sötét marad?

Kékszakállú Hideg Sötét.

Judit *(előbbre jön)*
Ki ezt látná, jaj, nem szólna.
Suttogó, hír elhalkulna.

Kékszakállú Hirt hallottál?

Judit Milyen sötét a te várad!
(Előbbre tapogatódzva. Megrezzen.)
Vizes a fal!
Kékszakállú!
Milyen víz hull a kezemre?
Sir a várad!
Sir a várad!
(Eltakarja a szemét.)

Judith Querido Barba Azul!
(desce alguns degraus)
Meus amados pai e mãe,
meus devotados irmãos e irmãs.
(desce até o fim)
Deixei chorando todos os meus parentes
para vir para cá,
querido Barba Azul!
(encostando em Barba Azul)
Se você me rejeitar e me abandonar,
eu não o deixarei,
morrerei no seu umbral gelado.

Barba Azul Que a porta seja fechada
e trancada.

(A pequena porta de ferro se fecha. O salão tem luz suficiente apenas para que sejam visíveis as duas figuras e as sete portas enormes. Judith tateia o caminho pela parede esquerda, segurando a mão de Barba Azul.)

Judith Esse é mesmo o castelo de Barba Azul!
Sem janelas?
Sem luz do dia?

Barba Azul Sem.

Judith Nunca se vê o sol?

Barba Azul Nunca.

Judith Sempre gelado?
Escuro e sinistro?

Barba Azul Sempre, sempre.

Judith *(avança)*
Tudo fica mudo ao chegar aqui.
Todo rumor se torna silêncio.

Barba Azul Você conhece?

Judith Tudo está afundado em sombras!
(Apalpa o caminho à frente. Estremece.)
As paredes transpiram!
Barba Azul!
Que umidade é essa em meus dedos?
Paredes e vigas,
tudo chora!
(Ela cobre os olhos)

Kékszakállú Ugye, Judit,
jobb volna most
Völegényed kastélyában:
Fehér falon fut a rózsza,
cseréptetőn táncol a nap.

Judit Ne bánts ne bánts Kékszakállú!
Nem kell rózsza, nem kell napfény!
Nem kell rózsza, nem kell napfény!
Nem kell... Nem kell...
Nem kell...
Milyen sötét a te várad!
Milyen sötét a te várad!
Milyen sötét...
Szegény,
szegény Kékszakállú!

(Zokogva leborul a Kékszakállú elé és csókolja a kezét)

Kékszakállú Miért jöttél hozzám, Judit?

Judit *(felugorva)*
Nedves falát felszárítom,
ajakammal szárítom fél!
Hideg követ melegítem,
a testemmel melegítem.
Ugye szabad,
ugye szabad,
Kékszakállú!
Nem lesz sötét a te várad,
megnyitjuk a falat ketten,
szél bejárjon, nap besüssön,
nap besüssön.
Tündököljön a te várad!

Kékszakállú Nem tündököl az én váram.

Judit *(jobbra befelé megy)*
Gyere vezess Kékszakállú,
mindenthová vezess engem.
Beljebb megy.
Nagy csukott ajtókat látok,
hét fekete csukott ajtót!
(A Kékszakállú némán, mozdulatlanul néz utána)
Miért vannak az ajtók csukva?

Kékszakállú Hogy ne lásson bele senki.

Barba Azul Judith,
não era mais alegre
o castelo do seu pai?
Rosas vagando pelo terraço,
a luz do sol dançando no telhado?

Judith Nunca, nunca, querido Barba Azul!
Não anseio mais pela luz do dia!
Rosas, luz do sol,
não são nada... não são nada...
Nada...
Tudo se oculta no crepúsculo.
Mal posso ver o seu castelo!
Tudo é escuridão...
Solene,
solene e triste Barba Azul!

(Ajoelha-se soluçando e beija a mão de Barba Azul)

Barba Azul Diga-me, por que veio para cá, Judith?

Judith *(levantando-se)*
Secarei essas lajes chorosas,
elas secarão com meus lábios!
Aquecerei esse mármore gelado,
aquecerei com meu corpo vivo.
Deixe-me fazê-lo,
deixe-me fazê-lo,
querido Barba Azul!
Iluminarei seu castelo triste,
você e eu romperemos essas muralhas.
O vento soprará, a luz entrará,
a luz entrará.
Sua casa brilhará radiante como ouro.

Barba Azul Nada pode brilhar em minha casa.

Judith *(para a direita, rumo ao centro.)*
Vou segui-lo, querido Barba Azul.
Mostre-me seu castelo.
(chega ao centro do palco)
Vejo sete portas fechadas,
com trancas e cadeados!
(Barba Azul a segue com os olhos, mudo e imóvel.)
Por que estão todas trancadas?

Barba Azul Ninguém deve ver o que há atrás delas.

Judit Nyisd ki, nyisd ki!
Nekem nyisd ki!
Minden ajtó legyen nyitva!
Szél bejárjon, nap besüssön!

Kékszakállú Emlékezz rá, milyen hir jár.

Judit A te várad derüljön fel,
A te várad derüljön fel!
Szegény, sötét, hideg várad!
Nyisd ki! Nyisd ki! Nyisd ki!
(Dörömböl az első ajtón. A dörömbölésre mély, nehéz sóhajtás bűg fel. Hosszú nyomott folyosókon sír fel így az éjszakai szé.)

Jaj!

(Visszahátrál a Kékszakállúhoz.)

Jaj! Mi volt ez?
Mi sóhajtott?
Ki sóhajtott?
Kékszakállú!
A te várad! A te várad!
A te várad!

Kékszakállú Félsz-e?

Judit *(csendesen sírva)*
Oh, a várad
felsóhajtott!

Kékszakállú Félsz?

Judit Oh, a várad felsóhajtott!
Gyere nyissuk,
velem gyere.
Én akarom kinyitni, én!
Szépen, halkán fogom nyitni,
Halkán, puhán, halkán!
Kékszakállú,
add a kulcsot,
Add a kulcsot, mert szeretlek!

(A Kékszakállú vállára borul.)

Kékszakállú Ádott a te kezed,
Judit.

(A kulcsosmomó megcsörren a sötétben.)

- Judith** Abra, abra!
Escancare-as!
As fechaduras serão abertas,
varridas pelo vento, a luz entrará!
- Barba Azul** Não se esqueça dos boatos a meu respeito.
- Judith** Luz e ar alegrarão seu castelo,
o sol feliz, a brisa risonha
alegrarão sua triste morada.
Abra! Abra! Abra!
(Bate na primeira porta. O golpe é respondido por um gemido cavernoso, como quando o vento da noite sussurra por infundáveis labirintos lúgubres.)
Ah!
(Ela se afasta de Barba Azul)
Ah! Que foi isso?
Quem suspirou?
Quem gemeu?
Responda, Barba Azul!
Triste morada, lamentável castelo,
casa de angústia!
- Barba Azul** Está com medo?
- Judith** *(chora baixo)*
Oh, ouvi o soluço
do seu castelo.
- Barba Azul** Ouviu?
- Judith** Oh, um suspiro de angústia.
Vamos abrir
os dois juntos.
Eu abro sozinha!
Farei com muito cuidado,
suave, gentil, suave!
Querido Barba Azul,
dê-me as chaves,
dê-me as chaves, porque te amo!
(Encosta no ombro de Barba Azul)
- Barba Azul** Suas doces mãos são abençoadas,
Judith.
(Som de chaves tilintando no escuro)

Judit Köszönöm, köszönöm!
(Visszamegy az első ajtóhoz.)
É akarom kinyitni, én.
(Mikor a zár csattan felbúg a mély földalatti sóhajtás.)
Hallod? Hallod?
(Az ajtó feltáru, vérvörös négyszöget nyitva a falba, mint egy seb.
Az ajtó mögül mélyből jövő véres izzás hosszú sugarat vet be a
csarnok padlójára.)
Jaj!

Kékszakállú Mit látsz? Mit látsz?

Judit *(mellre szorított kézzel)*
Láncok, kések, szöges karók,
izzó nyársak...

Kékszakállú Ez a kinzókamra, Judit.

Judit Szörnyü a te kinzókamrád,
Kékszakállú!
Szörnyü, szörnyü!

Kékszakállú Félsz-e?

Judit *(összerezzen)*
A te várad fala véres!
A te várad vérzik!
Véres...
vérzik.

Kékszakállú Félsz-e?

(Judit visszafordul a Kékszakállú felé. A piros fény izzó kontúrt ad az alakjának.)

Judit Nem! Nem félek.
Nézd, derül már.
Ugye derül? Nézd ezt a fényt.
(Óvatosan a fénysáv partján visszamegy a Kékszakállúhoz.)
Látod?
Szép fénypatak.

Kékszakállú Piros patak,
véres patak!

Judit *(feláll)*
Nézd csak, nézd csak!
Hogy dereng már!
Nézd csak, nézd csak!

- Judith** Obrigada, obrigada!
(volta à primeira porta)
Barba Azul, deixe-me abrir agora.
(ao abrir, o suspiro reverberante faz-se ouvir de novo.)
OuvIU? OuvIU?
(A porta se abre sem som. Ela revela um retângulo vermelho de sangue na parede, como uma ferida aberta. Um brilho vermelho vem de dentro, lançando um feixe longo no solo.)
Ah!
- Barba Azul** O que viu? O que viu?
- Judith** *(apertando a mão no peito)*
Algemas, punhais, tenazes,
ferros de marcar...
- Barba Azul** Judith, é minha câmara de torturas.
- Judith** Que assustadora é a sua câmara de torturas,
querido Barba Azul!
Assustadora!
- Barba Azul** Está com medo?
- Judith** *(horrorizada)*
Veja as paredes do seu castelo
manchadas de sangue!
Veja, as paredes sangram...
sangram... sangram...!
- Barba Azul** Está com medo?
- (Judith vira-se para Barba Azul. A luz vermelha destaca seu contorno.)*
- Judith** Não! Não estou com medo.
Veja, amanhece!
Um amanhecer rubro! Veja a luz!
(Volta na direção dele, caminhando cuidadosamente pelo feixe vermelho.)
Viu?
Que belo esplendor!
- Barba Azul** Rio vermelho,
águas de sangue!
- Judith** *(erguendo-se)*
Veja e maravilhe-se
com este amanhecer!
O paraíso resplandece!

Minden ajtók ki kell nyitni!
Szél bejárjon, nap besüssön,
Minden ajtók ki kell nyitni!

Kékszakállú Nem tudod mi
van mögöttük.

Judit Add ide a többi kulcsot!
Add ide a többi kulcsot!
Minden ajtót ki kell nyitni!
Minden ajtót

Kékszakállú Judit, Judit mért akarod?

Judit Mert szeretlek!

Kékszakállú Váram sötét töve reszket,
nyithatsz, csukhatsz minden ajtót.
(Átnyújtja Juditnak a második kulcsot. Kezeik a vörös fénykévében találkoznak.)

Vigyázz,
vigyázz a váramra,
Vigyázz, vigyázz miránk, Judit!

Judit *(a második ajtóhoz megy)*
Szépen, halkán fogom nyitni.
Szépen, halkán.

Csattan a zár és feltárul a második ajtó. Nyílása sárgás vörös, de szintén sötét és félelmes. A második sugár az első mellé fekszik a padlóra.

Kékszakállú Mit láatsz?

Judit Száz kegyetlen szörnyű fegyver,
sok rettentő hadi szerszám.

Kékszakállú Ez a fegyveresház, Judit.

Judit Milyen nagyon erős vagy te,
milyen nagy kegyetlen vagy te!

Kékszakállú Félsz-e?

Judit Vér szárad a fegyvereken,
véres a sok hadi szerszám

Kékszakállú Félsz-e?

Judit *(visszafordul a Kékszakállú felé)*
Add ide a
többi kulcsot!

Vamos abrir todas as portas!
O ar saudável soprará por elas.
Todas as portas devem estar abertas, abertas!

Barba Azul Menina, você não sabe
o que está atrás.

Judith Dê-me as chaves de todas as outras!
Entrarei em todas as portas!
Vamos abrir todas as portas!
Todas as portas.

Barba Azul Judith, Judith, por que quer isso?

Judith Porque te amo.

Barba Azul Meu castelo está tremendo,
pode abrir as portas.
(Entrega-lhe a segunda chave, e suas mãos parecem se fundir na luz vermelha.)
Judith, cuidado
com o meu castelo.
Vá com muito cuidado, Judith.

Judith *(vai para a segunda porta)*
Vou com calma, bem suave,
suave, suave.

(A fechadura estala e a segunda porta se abre. A abertura é de um vermelho-amarelado, sombrio e perturbador. Um segundo feixe de luz jaz no chão, ao lado do primeiro.)

Barba Azul O que você viu?

Judith Pilhas de armas cruéis, armaduras, incontáveis
e temíveis artefatos de batalha.

Barba Azul É o arsenal do meu castelo, Judith.

Judith Você é forte e poderoso,
mas também muito cruel, Barba Azul!

Barba Azul Está com medo?

Judith Sangue em todas as lanças e punhais!
Sangue em todas as armas de batalha!

Barba Azul Está com medo?

Judith *(vira-se para Barba Azul)*
Dê-me as chaves
de todas as portas!

Kékszakállú Judit, Judit!

(Judit lassan visszajön a második fényáv partján.)

Judit Itt a másik patak,
Szép fénypatak.
Látod? Látod?
Add ide a többi kulcsot!

Kékszakállú Vigyázz, vigyázz miránk, Judit!

Judit Add ide a
többi kulcsot!

Kékszakállú Nem tudod,
mi rejt az ajtó.

Judit Idejöttem, mert szeretlek.
Itt vagyok, a tied vagyok.
Most már vezess mindenhová,
most már nyiss ki minden ajtót!

Kékszakállú Váram sötét töve reszket,
bús sziklából gyönyör borzong.
Judit, Judit!
Hüs és édes,
nyitott sebből vér ha ömlik.

Judit Idejöttem mert szeretlek,
most már nyiss ki minden ajtót!

Kékszakállú Adok neked három kulcsot.
Látni fogsz, de sohse kérdezz.
Akármit látsz,
sohse kérdezz !

Judit Add ide a három kulcsot!

(Kékszakállú átnyújtja. Judit türelmetlenül elveszi és a harmadik ajtóhoz siet, de előtte habozva megáll.)

Kékszakállú Mért álltál meg?
Mért nem nyitod?

Judit Kezem a zárt nem találja.

Kékszakállú Judit, ne félj, most már mindegy.

(Judit megfordítja a kulcsot. Meleg, mély érchanggal nyílik az ajtó. A kiömlő aranyfényáv a többi mellé fekszik a padlóra.)

Barba Azul Judith, Judith!

(Judith caminha na direção dele pelo segundo feixe de luz)

Judith Esse é o segundo jorro de luz,
o rio brilhante.
Viu? Viu?
Dê-me as outras chaves!

Barba Azul Cuidado, cuidado, Judith!

Judith Dê-me todas
as outras chaves!

Barba Azul Você pode adivinhar
o que há atrás delas?

Judith Vim aqui porque te amo.
Estou aqui, sou sua.
Mostre-me todos os seus segredos escondidos,
deixe-me atravessar todas as portas!

Barba Azul Meu castelo está tremendo, as pedras pesarosas
agitam-se de emoção.
Judith, Judith!
Frio e tranquilizador
é o sangue fresco que corre.

Judith Vim aqui porque te amo.
Deixe-me abrir todas as portas!

Barba Azul Dou-lhe mais três chaves.
Você verá, mas não pergunte.
Veja tudo,
mas não faça perguntas.

Judith Dê-me as chaves que prometeu!

(Barba Azul as entrega. Judith as pega com pressa e apressa-se para a terceira porta, mas hesita diante dela.)

Barba Azul Por que hesita?
Abra logo!

Judith Onde está a fechadura?

Barba Azul Judith, não tema, chega de medo.

(Judith gira a chave. A porta se abre com um ruidoso som metálico. Um feixe de luz dourada estende-se pelo solo, ao lado dos anteriores.)

Judit Oh, be sok kincs!
Oh, be sok kincs!
(Letérdepel és vájkál benne, ékszereket, koronát, palástot kirakva a küszöbre.)

Aranypénné és drága gyémánt,
bélagyönggyel fényes ékszer,
koronák és dús palástok!

Kékszakkállú Ez a váram kincsesháza.

Judit Mily gazdag vagy Kékszakkállú

Kékszakkállú Tiéd most már mind ez a kincs,
tiéd arany, gyöngy és gyémánt.

(Judit hirtelen feláll.)

Judit Vérfolt van az ékszereken!
(A Kékszakkállú felé fordul csodálkozva.)
Legszebbik koronád véres!

Kékszakkállú Nyisd ki a negyedik ajtót.
Legyen napfény, nyissad, nyissad.

(Judit hirtelen a negyedik ajtó felé fordul és gyorsan kinyitja. Az ajtóból virágos ágak csapódnak ki és a falban kékes-zöld négyszög nyílik. A beeső új fényés a többi mellé fekszik a padlóra.)

Judit Oh! Virágok!
Oh! Illatos kert!
Kemény sziklák alatt rejtve.

Kékszakkállú Ez a váram rejtett kertje.

Judit Oh! Virágok!
Embernyi nagy liljomok,
Hüs-fehér patyolat rózsák,
piros szekfúk szórják a fényt.
Sose láttam ilyen kertet.

Kékszakkállú Minden virág neked bókol,
minden virág neked bókol,
te fakasztod, te hervasztod,
szebben újra te sarjasztod.

(Judit hirtelen lehajol.)

Judit *(ijedten)*
Fehér rózsád töve véres,
virágaid földje véres!

- Judith** Montanhas de ouro!
Gemas maravilhosas!
(Ajoelha-se e escava na pilha de tesouros, botando joias, uma coroa e uma capa luxuosa na soleira.)
Moedas brilhantes e diamantes reluzentes,
rubis cintilantes, pérolas resplandecentes,
roupas de pele, coroas de glória!
- Barba Azul** Esse é o tesouro do meu castelo.
- Judith** Você é rico, querido Barba Azul.
- Barba Azul** Cada coroa de ouro será sua, e os rubis,
pérolas e diamantes.
(Judith ergue-se bruscamente)
- Judith** Todas as suas pedras preciosas!
(olha para Barba Azul com espanto)
Estão ensanguentadas!
- Barba Azul** Abra a quarta porta.
Traga a luz do sol. Abra, abra.
(Judith vira-se de repente para a quarta porta e abre. Ramos carregados de uma multidão de flores saem pela abertura. Eles estão impregnados de uma luz verde-azulada. O novo feixe de luz estende-se pelo chão ao lado dos outros.)
- Judith** Oh, que belas flores!
Um jardim suave, fragrante,
escondido sob rochas e seixos!
- Barba Azul** É o jardim secreto do meu castelo.
- Judith** Oh, que belas flores!
Lírios gigantes, altos como homens!
Rosas frescas, sedosas, formosas,
cravos vermelhos brilhando com a luz!
Nunca vi tamanha beleza!
- Barba Azul** Todas as flores se curvam para você.
Você as fez brotar e florescer,
você as fez murchar rápido,
apenas para renascerem com glória!
(Judith inclina-se subitamente)
- Judith** *(assustada)*
A rosa branca tem manchas vermelhas,
o chão está todo empapado de sangue!

Kékszakállú Szemed nyitja kelyheiket,
s neked csengetyűznek reggel.

(Judit feláll, és a Kékszakállú felé fordul.)

Judit Ki öntözte kerted földjét?

Kékszakállú Judit, szeress,
sohse kérdezz.
Nézd hogy derül már a váram.
Nyisd ki az ötödik ajtót!

*(Judit hirtelen mozdulattal az ötödik ajtóhoz fut és felrántja.
Az ötödik ajtó feltárul. Magas erkély látszik és messzi távlat és
tündöklő özönben ömlik be a fény. Elvakulva a szeme elé
tartja a kezét.)*

Judit Ah!

Kékszakállú Lásd ez az én birodalmam,
messze nérő szép könyöklöm.
Ugye, hogy szép nagy,
nagy ország?

Judit *(mereven néz ki, szórakozottan)*
Szép és nagy a te országod.

Kékszakállú Selyemrétek,
bársonyerdők,
hosszú ezüst folyók folynak,
és kék hegyek nagy messze.

Judit Szép és nagy a te országod.

Kékszakállú Most már Judit mind a tied.
Itt lakik a hajnal,
alkony,
itt lakik nap,
hold és csillag,
s leszen neked játszótársad.

Judit Véres árnyat vet a felhő!
Milyen felhők szállnak ottan?

Kékszakállú Nézd, tündököl az én váram,
áldott kezed ezt, művelte,
áldott a te kezed, áldott
(Kitárja karját.)
gyere, gyere tedd szívemre.

(Judit nem mozdul.)

Barba Azul Seus olhos abrem as flores,
louvando você elas cantam ao amanhecer.

(Judith levanta-se e vira-se para Barba Azul)

Judith Quem sangrou para regar seu jardim?

Barba Azul Judith, ame-me,
não me faça perguntas.
Veja, meu castelo se acende e brilha.
Abra agora a quinta porta!

(Judith corre subitamente até a quinta porta e abre. Revela-se um alpendre elevado, e paisagens distantes avistam-se abaixo. A luz jorra em uma cascata brilhante. Ofuscada pelo brilho, Judith protege os olhos com as mãos.)

Judith Ah!

Barba Azul Contemple agora meu vasto reino,
veja as paisagens minguantes abaixo.
Não é
um país nobre?

Judith *(olha fixamente, distraída.)*
Seu país é belo e vasto.

Barba Azul Prados de seda,
bosques de veludo,
correntes tranquilas de prata sinuosa,
altas montanhas azuis e enevoadas!

Judith Seu país é belo e vasto.

Barba Azul É todo seu para sempre, Judith.
Aqui florescem o amanhecer
e o crepúsculo.
Aqui sol, lua e estrela
residem, eles serão
seus eternos companheiros.

Judith A nuvem ao longe lança sombras vermelhas de sangue!
O que as nuvens sombrias pressagiam?

Barba Azul Veja como meu pobre castelo brilha,
obra de suas mãos puras e belas.
Sim, suas mãos são abençoadas.

(abre os braços)

Venha, bote-as em meu coração.

(Judith não se move)

Judit De két ajtó csukva van még.

Kékszakállú Legyen csukva a két ajtó.
Téljen dallal az én váram.
Gyere, gyere,
csókra várlak!

Judit Nyissad ki még
a két ajtót.

(A Kékszakállú karja lelankod.)

Kékszakállú Judit, Judit, csókra várlak.
Gyere, várlak. Judit várlak!

Judit Nyissad ki még a két ajtót.

Kékszakállú Azt akartad,
felderüljön;
nézd,
tündököl már a váram.

Judit Nem akarom, hogy előttem
csukott ajtóid legyenek!

Kékszakállú Vigyázz,
vigyázz a váramra,
vigyázz,
nem lesz fényesebb már

Judit Életemet, halálomat,
Kékszakállú!

Kékszakállú Judit, Judit!

Judit Nyissad ki még a két ajtót,
Kékszakállú, Kékszakállú!

Kékszakállú Mért akarod, mért akarod?
Judit! Judit!

Judit Nyissad, nyissad!

Kékszakállú Adok neked még egy kulcsot.

(Judit némán követelően nyújtja érte a kezét. A Kékszakállú átadja a kulcsot. Judit a hatodik ajtóhoz megy. Mikor a kulcs elsőt fordul,zokogó mély sóhajtás bűg fel. Judit meghátrál.)

Kékszakállú Judit, Judit ne nyissad ki!

(Judit hirtelen mozdulattal az ajtóhoz lép és kinyitja. A csarnokon mintha árny futna keresztül: valamivel sötétebb lesz.)

Judith Duas portas ainda não se abriram.

Barba Azul Essas duas portas devem ficar fechadas.
Agora minha casa se encherá de música.
Venha, meu amor,
quero beijá-la!

Judith Deixe-me abrir
as duas últimas portas.
(Barba Azul deixa o braço cair)

Barba Azul Judith, Judith, quero beijá-la.
Venha, espero-te, ame-me.

Judith Deixe-me abrir as duas últimas portas!

Barba Azul Menina, você pediu...
rezou pela luz do dia...
Veja como o sol
encheu minha casa!

Judith Mais duas portas, nenhuma de suas grandes portas
deve ficar fechada para mim.

Barba Azul Menina, cuidado,
cuidado com meu castelo,
cuide para ele
não parar de brilhar.

Judith Não tenho medo nem de morrer, querido
Barba Azul.

Barba Azul Judith, Judith!

Judith Abra, abra essas duas portas,
Barba Azul, poderoso Barba Azul!

Barba Azul Por que é tão teimosa, tão teimosa?
Judith! Judith!

Judith Abra, abra!

Barba Azul Entrego-lhe mais uma chave.
(Judith estende a mão, exigindo em silêncio. Barba Azul entrega-lhe a chave. Enquanto ela gira a chave na fechadura, ouve-se um suspiro profundo e soluçante. Judith recua.)

Barba Azul Judith, Judith, não abra!
(Com um gesto abrupto, Judith destranca a porta. A sala fica um pouco mais escura, como se uma sombra passasse.)

- Judit** Csendes fehér tavat látok,
mozdulatlan fehér tavat.
Milyen viz ez Kékszakállú?
- Kékszakállú** Könnyek, Judit, könnyek, könnyek.
- Judit** *(megborzongva)*
Milyen néma, mozdulatlan.
- Kékszakállú** Könnyek, Judit, könnyek, könnyek.
(Judit lehajol és fürkészve nézi a tavat.)
- Judit** Sima feher,
tisza fehér.
- Kékszakállú** Könnyek, Judit, könnyek, könnyek.
*(Judit lassan megfordul és némán szembenéz a Kékszakállúval.
Kékszakállú lassan kitarja karját.)*
Gyere, Judit, gyere Judit,
csókra várlak.
(Judit nem mozdul.)
Gyere várlak, Judit várlak.
(Judit nem mozdul.)
Az utolsót nem nyitom ki.
Nem nyitom ki.

(Judit lehajtott fejjel, lassan a Kékszakállúhoz megy. Kérve, szinte szomorúan hozzásimul.)
- Judit** Kékszakállú... Szeress engem.
(A Kékszakállú magához öleli; hosszú csók. A Kékszakállú vállán a feje.)
Nagyon szeretsz, Kékszakállú?
- Kékszakállú** Te vagy várom fényessége,
csókolj, csókolj,
sohse kérdezz.

(Hosszan csókolja. A Kékszakállú vállán a feje.)
- Judit** Mondd meg nekem Kékszakállú,
kit szerettél én előttem?
- Kékszakállú** Te vagy várom fényessége,
csókolj, csókolj,
sohse kérdezz.
- Judit** Mondd meg nekem, hogy szeretted?
Szébb volt mint én?

- Judith** Vejo um lençol d'água,
água branca, tranquila, adormecida.
O que é essa água misteriosa?
- Barba Azul** Lágrimas, Judith, lágrimas, lágrimas.
- Judith** *(estremecendo)*
Que silenciosas, serenas, sobrenaturais!
- Barba Azul** Lágrimas, Judith, lágrimas, lágrimas.
(Judith curva-se e olha para o lago)
- Judith** Adormecidas, prateadas,
suaves, sobrenaturais.
- Barba Azul** Lágrimas, Judith, lágrimas, lágrimas.
(Judith fita Barba Azul nos olhos de forma intensa e silenciosa. Barba Azul abre os braços.)
Venha, Judith, venha,
deixe-me beijá-la.
(Judith não se move)
Venha, espero-te, Judith.
(Judith não se move)
A última porta deve ficar fechada,
fechada para sempre.
(Judith, de cabeça baixa, vai lentamente até Barba Azul e, com um olhar de súplica séria e pesarosa, o abraça.)
- Judith** Querido Barba Azul, tome-me, ame-me.
(Ele a abraça e a beija apaixonadamente; ela apoia a cabeça em seu ombro.)
Você me ama de verdade, Barba Azul?
- Barba Azul** Você é o deleite do meu castelo.
Beije-me, beije-me,
não faça perguntas.
(Ele a beija de novo. Ela apoia a cabeça em seu ombro.)
- Judith** Diga-me, diga-me, querido Barba Azul,
quem você amou antes de mim?
- Barba Azul** Você é a luz do meu castelo.
Beije-me, beije-me,
não me faça perguntas.
- Judith** O que você amava nela?
Era muito bonita?

Más volt mint én?
Mondd el nekem Kékszakállú?

Kékszakállú Judit szeress, sohse kérdezz.

Judit Mondd el nekem Kékszakállú?

Kékszakállú Judit szeress, sohse kérdezz.

Judit *(Kibontakozik az ölelésből.)*

Nyisd ki a hetedik ajtót!

(A Kékszakállú nem felel.)

Tudom, tudom, Kékszakállú.

Mit rejt a hetedik ajtó.

Vér szárad a fegyvereken,

legszebbik koronád véres,

virágaid földje véres,

véres árnyat vet felhő!

Tudom, tudom,

Kékszakállú,

Fehér könnytő kinek könnye.

Ott van mind a régi asszony

legyilkolva, vérbefagyva.

Jaj, igaz hír;

suttogó hír.

Kékszakállú Judit!

Judit Igaz, igaz!

Most én tudni akarom már.

Nyisd ki a hetedik ajtót!

Kékszakállú Fogjad, fogjad itt a hetedik kulcs.

(Judit mereven nézi, nem nyúl érte.)

Nyisd ki, Judit. Lássad őket.

Ott van mind a régi asszony.

(Judit még egy ideig mozdulatlan. Aztán lassan, bizonytalan kézzel átveszi a kulcsot és lassan, ingó lépéssel a hetedik ajtóhoz megy és kinyitja. Mikor a kulcs csattan, halk sóhajással becsukódik a hatodik és az ötödik ajtó. Jóval sötétebb lesz. Csak a négy szemközti ajtónyílás világítja színes sugaraival a csarnokot. És akkor kinyílik a hetedik ajtó és holdezüst fény vetődik be rajta, hosszú sugárban, megvilágítva Judit arcát és a Kékszakállúét.)

Lásd a régi asszonyokat

Lásd akiket én szerettem.

Você a amava
mais do que me ama, Barba Azul?

Barba Azul Judith, ame-me, não faça perguntas.

Judith Diga-me a verdade, poderoso Barba Azul.

Barba Azul Judith, ame-me, não me faça perguntas.

Judith *(libertando-se do abraço)*

Abra a sétima e última porta!

(Barba Azul fica em silêncio)

Adivinhei o seu segredo, Barba Azul.

Adivinhei o que você esconde.

Manchas de sangue nas armas de guerra,

sangue na sua coroa de glória,

solo vermelho ao redor de suas flores,

sombra vermelha lançada por suas nuvens!

Adivinhei, adivinhei,

Barba Azul,

sei de quem é o pranto que encheu seu lago, todas as
suas esposas sofreram

um assassinato brutal, sangrento.

Ah, os boatos,

os boatos eram verdadeiros!

Barba Azul Judith!

Judith Verdadeiros, verdadeiros!

Tenho que comprovar cada detalhe.

Abra a última porta!

Barba Azul Tome, tome, a sétima e última chave.

(Judith fica parada, olhando, sem esticar o braço para ele.)

Abra agora a porta e as veja.

Todas as minhas mulheres anteriores te aguardam.

*(Judith fica imóvel por um momento, então pega a chave com
mão vacilante e vai, com o corpo balançando ligeiramente, na
direção da sétima porta. Quando a fechadura se abre, a quinta e a
sexta fecham-se com um suave suspiro. Fica muito mais escuro.*

*Apenas as quatro portas opostas abertas iluminam a sala com
seus feixes de luz colorida. E agora a sétima porta se abre, e um
longo e afunilado feixe de luar prateado sai da abertura e banha
os rostos de Judith e Barba Azul com sua luz prateada.)*

Corações que amei e quis bem,

veja meus amores anteriores, querida Judith.

Judit Élnék, élnek, itten élnek!

*(A hetedik ajtóból előjönnek a régi asszonyok.
Hárman koronásan, kincessel rakottan, glóriásan.
Sápadt arccal, büszke járással jönnek egymás
mögött és megállnak szemben a Kékszakállúval,
aki térdre ereszkedik. Kékszakállú kitért karokkal,
mintha álmodna.)*

Kékszakállú Szépek, szépek, százszor szépek.
Mindig voltak, mindig élnek.
Sok kincsemet ők gyűjtötték,
Virágaim ők öntözték,
birodalmam növesztették,
övék minden, minden, minden.

(Judit a régi asszonyok mellett áll negyediknek, meggörnyedve, félve.)

Judit Milyen szépek,
milyen dúsak,
én, jaj, koldus, kopott vagyok.

(Kékszakállú feláll; suttogó hangon.)

Kékszakállú Hajnalban az elsőt leltem,
piros szagos szép hajnalban.
Övé most már minden hajnal,
övé piros, hüs palástja,
övé ezüst koronája,
övé most már minden hajnal,

Judit Jaj; szebb nálam, dúsahh nálam.

(Az első asszony lassan visszamegy.)

Kékszakállú Másodikat délben leltem,
néma égő arany délben.
Minden dél az övé most már,
övé nehéz tűzpalástja,
övé arany koronája,
minden dél az övé most már.

Judit Jaj; szebb nálam, dúsahh nálam.

(A második asszony visszamegy.)

Kékszakállú Harmadikat este leltem,
békés bágyadt barna este.
Övé most már minden este,
övé barna búpálástja,
övé most már minden este.

Judith Vivas, respirando. Elas moram aqui!

(As mulheres anteriores avançam pela sétima porta. Elas são em número de três. Têm coroas na cabeça, e seus corpos reluzem com gemas de valor inestimável. De rosto pálido, porém andar orgulhoso e arrogante, avançam uma após a outra e ficam diante de Barba Azul, que se ajoelha em sua homenagem. Ele lhes estende os braços, como se estivesse em transe.)

Barba Azul Beleza radiante, régia, sem-par!
Elas viverão imortais.
Amealharam toda a minha fortuna,
sangraram para regar minhas flores,
ampliaram meu reino, tudo é delas agora,
todos os meus tesouros.

(Judith junta-se a elas como a quarta da fila, assustada e abatida.)

Judith Beleza deslumbrante
e inacreditável,
nada sou comparada com elas.

(Barba Azul levanta-se e sussurra pra Judith)

Barba Azul Encontrei a primeira na alvorada,
uma manhã rubra e perfumada.
Dela é agora a aurora encantadora,
dela seu manto fresco e colorido,
dela sua coroa brilhante de prata,
dela o amanhecer de cada dia.

Judith Ah, como é mais rica do que eu!

(A primeira mulher volta lentamente por onde veio)

Barba Azul Encontrei a segunda ao meio-dia,
um meio-dia silencioso, loiro, chamejante.
Dela é, desde então, todo meio-dia,
dela seu manto pesado e ardente,
dela sua dourada coroa de glória,
dela a labareda do meio-dia.

Judith Ah, como é mais bonita do que eu!

(A segunda volta pela porta)

Barba Azul Encontrei a terceira em uma tarde,
em um crepúsculo quieto, lânguido, sombrio.
Seu é cada pôr do sol,
seu é aquele manto grave e soturno,
seu é cada poente solene.

Judit Jaj; szebb nálam,
dúсах nálam.

(A harmadik asszony visszamegy. A Kékszakállú megáll Judit előtt. Hosszan szembenéznek. A negyedik ajtó lassan becsukódik.)

Kékszakállú Negyediket éjjel lettem.

Judit Kékszakállú, megállj, megállj!

Kékszakállú Csillagos, fekete éjjel.

Judit Hallgass, hallgass, itt vagyok még!

Kékszakállú Fehér arcod süttött fénnyel
barna hajad felhöt hajtott,
tied lesz már minden éjjel.

(A harmadik ajtóhoz megy és a koronát, palástot, ékszert, amit Judit a küszöbre rakott, elhozza. A 3. ajtó becsukódik. Judit vállára teszi a palástot.)

Tied csillagos palástja.

Judit Kékszakállú nem kell, nem kell!

(Judit fejere teszi a koronát.)

Kékszakállú Tied gyémánt koronája.

Judit Jaj, jaj Kékszakállú,
vedd le.

(Judit nyakába akasztja az ékszert.)

Kékszakállú Tied a legdrágább kincsem.

Judit Jaj, jaj Kékszakállú,
vedd le.

Kékszakállú Szép vagy, szép vagy,
százszor szép vagy,
te voltál a legszebb asszony,
a legszebb asszony!

(Hosszan szembenéznek. Judit lassan meggörmtyed a palást súlyát alatt és gyémántkoronás fejét lehorgasztva, az ezüst fényű mentén bemeleg a többi asszony után a hetedik ajtón. Az is becsukódik.)

Es mindég is éjjel lesz már...
éjjel... éjjel...

(Teljes sötétség, melyben a Kékszakállú eltűnik.)

Judith Ah, como é mais bonita,
mais rica do que eu.

(A terceira regressa. Barba Azul fica por um longo tempo encarando Judith em silêncio. Eles se miram nos olhos. A quarta porta se fecha devagar.)

Barba Azul Encontrei a quarta à meia-noite.

Judith Basta, Barba Azul, basta!

Barba Azul Uma noite estrelada de ébano.

Judith Chega, chega, ainda estou aqui!

Barba Azul Seu rosto pálido era um vislumbre,
seu cabelo castanho de seda era esplêndido,
desde então, toda noite é sua.

(Vai até a terceira porta e traz a coroa, o manto e as joias que Judith deixou na soleira. A terceira porta se fecha. Ele bota o manto no ombro de Judith.)

Seu é agora o manto estrelado.

Judith Poupe-me, Barba Azul, poupe-me.

(Barba Azul põe-lhe a coroa na cabeça)

Barba Azul Sua é a coroa de diamantes.

Judith Poupe-me, Barba Azul,
é pesada demais!

(Barba Azul põe-lhe as joias no pescoço)

Barba Azul Sua é a riqueza do meu reino.

Judith Poupe-me, Barba Azul,
é muito pesada!

Barba Azul Você é linda,
muito linda,
é a rainha de minhas mulheres,
a melhor e a mais bonita!

(Miram-se nos olhos. Vergada pelo peso do manto, de cabeça baixa, Judith segue o caminho das outras mulheres, caminhando pelo feixe de luar até a sétima porta. Ela entra, e a porta se fecha.)

Daqui por diante tudo será escuridão...
escuridão... escuridão...

(O palco mergulha lentamente em escuridão total, tirando Barba Azul de vista.)



EU,
VULCÂNICA

I, VOLCANIC

Prolog och 7 drömsekvenser

Personer

Berättaren

Judith

Mörkret 1

Mörkret 2

(Berättaren gestaltas av en skådespelare, övriga av sångare)

Prólogo e 7 sequências de sonhos

Personagens

Judith (papel falado)

Judith

Escuridão 1

Escuridão 2

[Judith (papel falado) é encenado por um ator, o restante por cantores.]

PROLOG A



PRÓLOGO A

Berättaren Välkomna.
Snart börjar det.
Men först: Lyssna, landa.
Känn tyngden av världen utanför, och inuti.

Hur den drar er neråt.

Kanske blundar ni, om ni är bekväma med det.

Uppmärksamma luften omkring er, dess textur.
Ibland *känns* det mer när man andas in mörker.

Som om luften vore tätare. Tyngre.
Som om den gick att ta på.
Låt dig fyllas av detta.
Och sedan: Andas ut. Känn hur det öppnas,
och du blir del av något större.

Fortsätt andas.

Andas in; i strupen, bröstkorgen,
en tyngd där du är som mest sårbar –

och andas ut, vidga uppmärksamheten,
märk hur det finns ett utrymme, ett rum,
runt detta sårbara, ömma.

Känn hur ögonlocken blir tyngre, och tyngre.

Judith (papel falado)

Bem-vindos.

Já vai começar.

Mas primeiro: escutem, aterrissem.

Sintam o peso do mundo por fora e por dentro.

Como ele os puxa para baixo.

Se vocês se sentirem confortáveis, fechem os olhos.

Observem o ar ao redor, a sua textura.

Às vezes, você sente mais quando inspira escuridão.

Como se o ar fosse mais denso. Mais pesado.

Como se desse para apalpá-lo.

Deixe isso te preencher.

E depois: expire. Sinta como abre, e você se torna parte de algo maior.

Continue respirando.

Inspire; na garganta, no peito, um peso no qual você se encontra mais vulnerável.

E expire, expanda a atenção, note como há espaço em volta dessa vulnerabilidade, fragilidade.

Sinta como as pálpebras ficam mais e mais pesadas.

Känner ni?

Vill ni veta varför, och vad?

Vad det är för tyngd som gör att när vi är i detta ömmaste, sårbara, att vi så gärna sluter våra ögon?

Låt mig berätta. Det finns ett äldre grekiskt uttryck:

“Skammen vilar på ögonlocken.”

Skammen, vilar, på ögonlocken.

Nej nej, slut dem igen. Det är bara en gammal myt.

Fast vem vet, på ögonlockets yttersta rand;
där vaka övergår i dröm, dagen stupar i natt,
och gränsen mellan innanför och utanför upphör;

vem vet vad som egentligen tilldrar sig där?

Något djupt lockande eller stötande?

Något olyckligt och perverst?

Eller kanske; något alldeles, alldeles underbart.

Där, längst ut, ser ni?

En skakig, tunn kontur som går under benämningen “jag”.

Som om jag såg mig själv, inifrån min egen blick,
och skådade ut genom ögats fransspryddå ridå.

Vocês estão sentindo?

Vocês querem saber por que e o que é?

Que tipo de peso é esse que faz com que fechemos os olhos com tanta vontade quando estamos mais vulneráveis e frágeis?

Deixe eu te contar. Existe uma expressão do grego antigo que diz: “A vergonha repousa nas pálpebras”.
“A vergonha repousa nas pálpebras.”

Não, não. Fecha de novo. É apenas um velho mito.

Mas quem sabe, na borda externa da pálpebra, onde a vigília se transforma em sonho, o dia vira noite e a fronteira entre o interior e o exterior se cessa.

Quem sabe o que realmente tem ali?
Algo que profundamente atrai ou repele?
Algo infeliz ou perverso?
Ou, talvez, algo totalmente maravilhoso.

Ali, no extremo, vocês veem?
Uma figura trêmula e fina que atende por “eu”.

Como se eu me visse de dentro do meu próprio olhar.
O olhar de Judith, olhando através da cortina franjada dos meus olhos.

Você olha para mim, meus olhos estão em você. A cortina das minhas pálpebras está levantada. Mas onde está o palco: fora ou dentro?

PROLOG B



PRÓLOGO B

Ni undrar vem "jag" är.
Jag är här, för att människan har ett problem med sånt
som faller.

Mörker, tårar, anseenden, regn.
Men också det som faller handlöst, som en älskande;
eller obevekligt, som ödets lott.

Ett andetag, ett hjärtslag. Så nära nollpunkten.
Du står vid ditt eget fall.
Kan du fånga det?
Kan du möta det?

Det skymmer, skuggorna slukar halvdagern.
Någoting skiftar, någoting med avgrunden.
Det mullrar ifrån djupen.
Och himlarna, himlarna pressar ovanifrån.
Luften... som om allt liv, allt levande
tog ett gemensamt andetag.

Jag finns för att människan har ett problem med det som
faller.
Ibland krävs det ett visst mått av våld,
vasst, blänkande, hårt.
Ibland räcker det med – ord.
Ett hugg här, ett snitt där.
Så kommer världen att börja röra sig;
detta främmande skalv som är livet.

Vocês se perguntam quem “eu” sou.
Estou aqui porque as pessoas têm um problema com coisas
que caem.

Escuridão, lágrimas, reputações, chuva.
Mas também aquilo que se entrega livremente, como um
apaixonado; ou, implacavelmente, como o destino.

Uma respiração, um batimento cardíaco. Tão perto do zero.
Você está diante da sua própria queda.
Você consegue pegar?
Você consegue encarar?

Está escurecendo, as sombras devoram a metade do dia.
Algo está mudando, algo com o abismo.
Ouvem-se estrondos das profundezas.
E os céus, os céus pressionam do alto.
O ar... como se todas as vidas,
tudo que vive respirasse junto.

Eu existo porque as pessoas têm um problema com coisas
que caem.
Às vezes, é necessário certa dose de violência,
afiada, brilhante, dura.
Às vezes... palavras são suficientes.
Um corte aqui, um corte ali.
Assim o mundo começará a se mover;
esse estranho tremor que é a vida.

DRÖMSEKvens



SEQUÊNCIA
DE SONHOS

Drömsekvens 1

Judith Ewig skymning!
Jag tror jag älskar det.
Mitt personliga limbo,
min egen rytm.

Vet ni vad skillnaden är
mellan ett fall och en nedstigning?

Ingen har offrat mig,
ingen har tvingat mig,
inga granatäppelkärnor
har frestat mig.

Jag tog mig hit på egen hand
åkte ledstång ner till första kretsen
Sjöng hela. Sjöng hela. Sjöng hela vägen.
Limbo är. Limbo är. Limbo är en dans för
starka ryggar.

Spränger horisonter dansar mellan ord och underjord.
Spränger horisonter jag böjer ljuset.
Spränger horisonter Fata morgana
mitt nya hem.
Spränger hotisonter.
Jag böjer ljuset.
Spränger Böjer Dansar.
Spränger horisonter böjer ljuset dansar mellan jord och
underjord.
Jag böjer ljuset
Spränger horisonter dansar mellan jord och underjord.
dansar mellan jord och underjord
dansar mellan jord och underjord

Drömsekvens 2

*(Trappan ligger i mörker. Judith mimar, men inget ljud
kommer från hennes mun. Det är som om hon fortsatt att
sjunga för sig själv, men ingen lyssnar. Mörkret 1 och
Mörkret 2 lösgör sig från skuggorna.)*

Mörkret 1 Hon har fallit.

Mörkret 2 Värre ändå.

Sequência de sonho 1

Judith Eterno crepúsculo!
Eu acho que eu o amo.
Meu limbo pessoal,
meu próprio ritmo.

Você sabe qual é a diferença entre uma queda e uma descida?

Ninguém me sacrificou,
Ninguém me obrigou,
Nenhuma semente de romã
me tentou.

Eu cheguei aqui por conta própria.
Desci o corrimão até o primeiro círculo,
Cantei durante todo, cantei durante todo,
cantei durante todo o caminho.
Limbo é, limbo é, limbo é uma dança para costas fortes,
para costas fortes.

Explode horizonte dançando entre terra e subsolo
Explode horizonte, eu envergo a luz.
Explode horizonte, fada Morgana
minha nova casa.
Explode horizonte,
eu envergo a luz
Explode. Envergo. Dançando.
Explode horizonte envergo a luz
dançando entre a terra subsolo.
Eu envergo a luz.
Explode horizonte dançando entre a terra e o subsolo.
Dançando entre a terra e o subsolo.

Sequência de sonho 2

*(Judith, sem voz, primeiro assustada, paralisada,
começa a refletir e a sofrer)*

Escuridão 1 Ela caiu.

Escuridão 2 Muito pior.

- Mörkret 1** Hon har förlorat.
- Mörkret 2** Ensam.
- Mörkret 1** Munnen rör sig, men hon säger inget.
- Mörkret 2** Tittar, glör. Ser inget.
- Mörkret 1** Hon har åkt ledstång ned till mörkret.
- Mörkret 2** Fallit. Krossad av sorg.

(Judith har under tiden insett att de pratar om henne)

Judith Nu ser jag.
Ensam.
Hur kunde jag sjunga så vackra toner?
Utan honom finns ingen sång,
inget ljus som faller gallerlika skuggor
ingen spänning, inget hot,
inga underbara rysningar.
Hur kunde jag?

Horisonten försvinner.
Bara jag, en öken utan sol.

Mörkret 1 Ingen sol ingen öken,
ingen horisont.
Alla bilder måste bort.

Judith Inga bilder?
Får en sörjande inte fantisera?
Ska då också detta tagas ifrån mig?

Mörkret 1 I äkta sorg finns inga bilder.

Mörkret 1 Sorgen känner bara sorg, säger bara sorg.

Mörkret 2 Sorg är sorg är sorg är sorg.

Darkness 1 Horisonten försvinner.
I änka sorg finns inga bilder.
Allabilder måste bort.

Darkness 2 i änka sorg finns inga bilder.
Sorg är sorg är sorg.
En öken utan sol.

- Escuridão 1** Ela perdeu.
- Escuridão 2** Sozinha.
- Escuridão 1** A boca se mexe, mas ela não diz nada.
- Escuridão 2** Olha, encara. Não vê nada.
- Escuridão 1** Ela desceu pelo corrimão até a escuridão.
- Escuridão 2** Caiu. Esmagada pela dor.

(Judith percebeu durante esse tempo que estão falando dela)

Judith Agora eu vejo.
Sozinha.
Como eu pude cantar tons tão belos?
Sem ele não há canção,
não há luz que lance sombras semelhantes a treliças
sem emoção, sem ameaça,
sem arrepios maravilhosos.
Como eu pude?

O horizonte desaparece.
Somente eu, um deserto sem sol.

Escuridão 1 Nenhum som, nenhum deserto,
nenhum horizonte.
Todas as imagens precisam sumir.

Judith Nenhuma imagem?
Não pode uma pessoa em luto fantasiar?
Isso também será tirado de mim?

Escuridão 1 No luto genuíno não há imagens.

Escuridão 1 O luto só sente luto, só fala luto.

Escuridão 2 Luto é luto é luto é luto.

Escuridão 1 O horizonte desaparece.
No luto genuíno não há imagens.
Todas as imagens precisam sumir.

Escuridão 2 No luto genuíno não há imagens.
Luto é luto é luto é luto.
Um deserto sem sol.

Drömsekvens 3

(Rummet: trappan och en eld som tar fart)

Judith Något skakar mig
det kliar, kryper
något vill ta sig fram och ut
orden stockas i min hals
skärvor, splitter, grus och...

(Judith tvingar dem att se och lyssna, de försöker hindra henne från att tala.)

Judith Det rör sig – rör mig – inuti
värme, hetta, skiftar i rött
som lava, eller raseri
Hör det mullrar, spränger fram
som att gå med stormen i ett koppel.

Blås och blåstra bort
bilderna ska brinna
ordet renas
bränn från grunden
urgrund, avgrund
allting måste falla.

Jag vulkanisk.
Ser ni inte att jag brinner?
Ser ni inte att jag brinner?
Vulkanisk! Jag brinner!

Drömsekvens 4

Mörkret 1 och 2 Du trodde du var fri, men du var fangad.

Judith och Mörkret 1 och 2 Du trodde du hade en moralisk kompass, men det hade du inte.
Du trodde du gjort upp med ditt förflutna, men där trodde du fel.
Du trodde du akte ledstang ner till mörkret, men egentligen föll du.

Berättaren Inget kan hindra världens gång, men det går att väcka något... annat; något dolt, kuvat.
Till exempel genom att viska:
Gå tillbaka i dina egna spår, tills du når själva brottet.
Backa in i tystnaden,
in i det utspillda mörkret.

Sequência de sonho 3

(O quarto: a escada e um fogo que começa a se espalhar.)

Judith Algo me sacode,
coça, rasteja.
Algo quer sair,
as palavras ficam presas na minha garganta
cacos, lascas, cascalho e...

(Judith os obriga a observar e ouvir, eles tentam impedi-la de falar.)

Judith Isso se move – me move – por dentro
calor, chama, tons de vermelho
como lava ou raiva.
Ouça os estrondos, as explosões
como andar com a tempestade na coleira.

Assopre e remova
as imagens devem queimar
a palavra é purificada
queime do zero
primitivo, abismo
tudo deve cair.

Eu, vulcânica.
Vocês não veem que eu estou queimando?
Vocês não veem que eu estou queimando?
Vulcânica! Estou queimando!

Sequência de sonho 4

Escuridão 1 e 2 Você pensou que estava livre, mas está presa.

Judith, Escuridão 1 e 2 Você achou que tinha uma bússola moral, mas não tinha.
Você achou que havia feito as pazes com o passado,
mas achou errado.
Você achou que descia pelo corrimão até a escuridão,
mas na verdade você caiu.

Judith (papel falado) Nada pode parar o curso do mundo, mas é possível
despertar algo... outra coisa; algo escondido, suprimido.
Por exemplo, sussurrando:
refaça seus passos até chegar ao crime em si.
De volta ao silêncio,
na escuridão derramada.

Ett andetag, ett hjärtslag. Så nära nollpunkten.

Drömsekvens 5

*(ur askan reser sig något som liknar en enorm ryggrad,
med kotor och leder, dvs artikulationer)*

(Judith börjar alfabetisera.)

Berättaren Kom närmare, var inte rädd.
Ser ni: Min mun. Ser ni vad jag har i min mun?
Suckar, längtan, rikedom, spänning,
en varm vind, en kall vind,
och konsten att tränga ända in till benet.

Judith ngn ng ng ng nnnn
rrrrr tttttt kkkkk llllll
rrrt rrrt
tk tk tk tk
tklll tklll
aiuaio
jg jg jg
-ng
rtk rtk rkt... klll-sj
-ngen

Mörkret 1 och 2 Trrr

Judith -nget

Mörkret 2 Rtkltn

Judith -nget
lng

Mörkret 1 Artkl

Judith, Mörkret 1 och 2 jjjjj
aaaaa
ggggggg
ing ing ing ing ing ing ing ing ing ing ing
-ngen.

Judith JAAAAGGGGGG HAAAAARRRRR IIIINGEEEEENNNNN

Uma respiração, um batimento cardíaco.
Tão perto do zero.

Sequência de sonho 5

(Das cinzas surge algo semelhante a uma enorme coluna vertebral, com vértebras e juntas, ou seja, articulações.)

(Judith começa a alfabetizar)

Judith (papel falado) Chegue mais perto, não tenha medo.
Você vê: minha boca. Você vê o que eu tenho na boca?
Suspiros, saudade, riqueza, excitação,
um vento quente, um vento frio,
e a arte de penetrar até os ossos.

Judith ne ne ne ne nhu ma (nenhuma)
arrrrrr tiiiiiii cuuu laaaa çããããã (articulação)
arrrti arrrti
ticu ticu ticu ticu
ticula ticula
aiuaio
e e eu (eu)
-te
arti arti arti... cu la
-ten

Escuridão 1 e 2 trrr

Judith -enho

Escuridão 2 rtkltn

Judith -ten
tenh

Escuridão 1 articul

Judith, Escuridão 1 e 2 eee (eu)
aaaaa
tennn
ne ne ne ne ne ne ne ne ne ne ne
-nenhummm

Judith EUUUUU NÃOOOOO TENNNNHO NENHUMAAAAA

Judith, Mörkret 1 och 2 ARTIKULATION
ARTIKULATION
ARTIKULATION
ARTIKULATION
ARTIKULATION
ARTIKULATION
ARTIKULATION
ARTIKULATION

Drömsekvens 6

(ruin, spillror, stenar, men även grönska)

Judith Jag drömde...
I drömmen nynnade jag på en dikt.
Den gick så här:

Jag är både kniven och såret
kinder och slaget som faller
fången och cellens galler

Jag var så lycklig. Allt kändes rätt. Men så vaknade jag,
och saknaden var outhärdlig. Något fattades.

(Hon böjer sig ner och tar upp två stenar, väger dem i handen.)

Tror ni att det blir bättre om jag kastar dem?
Kommer något att förändras?

*(Hon beslutar sig för att inte kasta dem. Istället vänder
hon sig till Mörkret 1 och Mörkret 2.)*

Välj en av dem. Vilken ni vill.
Men ni måste välja.

Mörkret 1 På min sten står det: "Jag vaknade med detta
marmorhuvud i mina händer."

Mörkret 2 *(läser långsamt på sin sten)*
"Under gatstenen finns en strand."

*(De börjar sedan bygga upp trappan igen, med dessa
stenar/citat.)*

Judith, Escuridão 1 e 2 ARTICULAÇÃO
ARTICULAÇÃO
ARTICULAÇÃO
ARTICULAÇÃO
ARTICULAÇÃO
ARTICULAÇÃO
ARTICULAÇÃO
ARTICULAÇÃO

Sequência de sonho 6

(Ela se abaixa e pega duas pedras, pesa-as na mão.)

(Ela decide não jogá-las. Em vez disso, ela se volta para Escuridão 1 e 2.)

Judith Eu sonhei...
No sonho eu cantarolei um poema.
Foi assim:

Eu sou o corte e a faca
o rosto e o golpe que cai
o prisioneiro e as grades da cela

Eu era tão feliz. Tudo parecia certo. Mas então acordei
e a saudade era insuportável. Algo estava faltando.

(Ela se abaixa e pega duas pedras, pesa-as na mão.)

Você acha que seria melhor se eu as jogasse fora?
Alguma coisa mudará?

(Ela decide não as jogar. Em vez disso, ela se volta para Escuridão 1 e Escuridão 2.)

Escolha uma delas. Qual vocês querem.
Mas vocês precisam escolher.

Escuridão 1 Na minha pedra está escrito: “Despertei com esta
cabeça de mármore nas mãos”.

Escuridão 2 *(Lê lentamente sua pedra)*
“Debaixo da calçada há uma praia.”

*(Eles então começam a construir a escada novamente,
usando essas pedras/aspas.)*

Drömsekvens 7

(En trappa som inte är färdig.)

- Berättaren** Är vi klara nu, håller den?
Har jag byggt min egen dröm?
- Berättaren** Det har gått en evighet.
(lägger ifrån sig sina redskap)
Varför gör jag det här?
- Berättaren** Å! Denna dunkelhet!
- Mörkret 2** Du ville ha bilderna tillbaka.
Här har du dem.
- Berättaren** Bilder ja... inte obegriplighet.
Minns, jag gjorde nåt med ljuset...
så var är horisonten?
Var är min linje?
- Mörkret 1** Du är utanför den nu.
- Berättaren** Utanför min egen horisont?
- Mörkret 2** Bildligt talat.
- Berättaren** Du talar i gåtor.
Om det är en dröm, så snälla väck mig.
- Mörkret 2** När du vaknar är du åter död.
- Berättaren** Hellre död än dunkelhet.
Men se, ser ni horisonten!
- Mörkret 2** Det var horisonten som du sprängde,
den blev skadad... skev på nåt vis.
- Judith** En kurvig horisont?
En horisont med höfter!
Se den svänger,
en rytmisk horisont!
Böjer sig djupt ner, bortom limbo,
hela vägen ner till helvetet.
Jag skapade den,
och skadade den.
Den må vara böjd och bräcklig,
men den är min.
- Mörkret 1 och 2** En skakig, tunn kontur som går under benämningen "jag".
Som om jag såg mig själv, inifrån min egen blick,
och skådade ut genom ögats franssprydda ridå.

Sequência de sonho 7

(Uma escada que não está pronta)

- Judith (papel falado)** Terminamos agora, isso se mantém?
Construí meu próprio sonho?
- Judith (papel falado)** Já tem uma eternidade.
(Deixa de lado as suas ferramentas)
Por que estou fazendo isto?
- Judith (papel falado)** Oh! Essa obscuridade!
- Escuridão 2** Você queria as imagens de volta.
Aqui estão elas.
- Judith (papel falado)** Imagens sim... não algo incompreensível.
Lembre-se, eu fiz algo com a luz...
Então, onde está o horizonte?
Onde está minha linha?
- Escuridão 1** Você está fora dela agora.
- Judith (papel falado)** Fora do meu próprio horizonte?
- Escuridão 2** Figurativamente falando.
- Judith (papel falado)** Você fala em enigmas.
Se for um sonho, por favor, me acorde.
- Escuridão 2** Ao acordar você está novamente morta.
- Judith (papel falado)** Melhor a morte do que a obscuridade.
Mas olhe, você vê o horizonte!
- Escuridão 2** Foi o horizonte que você explodiu,
ficou danificado... distorcido de alguma forma.
- Judith** Um horizonte curvo?
Um horizonte com quadris!
Veja-o balançar,
um horizonte rítmico!
Curvando-se profundamente, além do limbo, até o inferno.
Eu criei isso,
e o danifiquei.
Pode ser curvo e frágil,
mas é meu.
- Escuridão 1 e 2** Uma figura trêmula e fina que atende por "eu".
É como se eu estivesse me vendo, dentro do meu próprio
olhar, e enxergando através das cortinas franzidas da visão.

Berättaren Jag har varit där,
färdats hela vägen ner
stirrat avgrunden i ögat,
mött min egen rädsla
och återvänt.

Utan skuggor, inget djup
utan skam, ingen hetta
utan fallande, ingen tyngd.

Elden svärtar stenen
stenen bryter vågen
vågen fångas upp av vinden.
Det är här det börjar:
tecken bryter fram
bilder flammar upp
Se, jag håller en bit av horisonten
i min hand.

Judith Du ser en hägring, en horisont böja sig lite och du tror att
du är en poet?

Berättaren Kalla det vad du vill.
Men detta vet jag:
För den som sett djupen och återvänt
blir orden annorlunda
de faller underliga skuggor.
Längre, mörkare,
darrande, skälvande
som om de hade ett eget liv.
Poet eller ej,
jag måste fånga dem,
innan de försvinner.

Judith Så du väljer orden?

Berättaren Jag väljer orden och livet,
ljuset och skuggorna
att stiga och att falla
allt som ryms i andetaget.

Judith (papel falado) Eu estive lá,
viajei todo o caminho para baixo,
olhei o abismo nos olhos,
enfrentei meu próprio medo
e voltei.

Sem sombras, sem profundidade,
sem vergonha, sem calor,
sem cair, sem peso.

O fogo escurece a pedra,
a pedra quebra a onda,
a onda é pega pelo vento.
Aqui é onde começa:
sinais emergem,
imagens explodem.

Olha, estou segurando um pedaço do horizonte
na minha mão.

Sim, queima, dói, mas estou viva,
e eu falo. Não parei de respirar,
não parei de dançar.

Limbo é o ritmo do meu coração,
quero bater para além da fronteira,
vou criar novas imagens.

Deixar as palavras fluírem como um rio manso,
às vezes quebrar como ondas na praia.

Judith Você vê uma miragem, um horizonte se curvando um pouco
e pensa que é um poeta?

Judith (papel falado) Chame como quiser.
Mas isto eu sei:
pra quem viu as profundezas e voltou,
as palavras se tornam diferentes,
elas lançam sombras estranhas.

Mais longas, mais escuras,
elas tremem
como se tivessem vida própria.

Poeta ou não,
eu tenho que capturá-las
antes que desapareçam.

Judith Então você escolhe as palavras?

Judith (papel falado) Eu escolho as palavras e a vida,
a luz e as sombras,
levantar ou cair,
tudo o que pode ser retido na respiração.

Jag var längst ner
i det råa, mörkaste
med kinden tryckt mot det lägsta, innersta
Då kände jag mitt andetag
för första gången
Jag kände andetaget fortplantas
genom jorden, haven, stjärnorna
som om jag andades med
hela universum.

Slut

Eu estava no mais profundo,
na cruel escuridão,
com o rosto pressionado contra a parte mais íntima do meu
interior.

Então eu senti a minha respiração
pela primeira vez.

Eu senti a respiração se propagar
através da terra, dos mares, das estrelas
como se eu estivesse respirando com
todo o universo.

Fim

Referenser

Drömsekvens 4

en parafraas på "Du tror men du är & Det är bättre", UKON & Njurmännen, AUDIOEI 1, OEI #26

Drömsekvens 6

"Jag är både kniven och såret [...]", Charles Baudelaire, ur "L'Héautontimorouménos", *Det ondas blommor*, övers. Ingvar Björkeson.

"Jag vaknade med detta marmorhuvud [...]", Giorgos Seferis, *Seferis: Stenarnas diktare*, Norteds, 1963, övers. Hjalmar Gullberg

"Under gatstenen finns en strand", det mest kända situationistiska slagordet som förknippas med Guy Debord.

Drömsekvens 7

"Utanför min egen horisont" och "När du vaknar är du åter död" refererar till ett par rader i Gunnar Ekelöfs "Scenario (*i färger*)", *Samlade Dikter*: "att han hamnar utanför horisonten // När man vaknar är man åter död."

Referências

Sequência de sonho 4

uma paráfrase de “Você acredita, mas você é & É melhor”, UKON & Njurmännen, AUDIOEI 1, OEI #26

Sequência de sonho 6

“Eu sou o corte e a faca (...)”, Charles Baudelaire, *As Flores do Mal*, traduzido por Ingvar Björkeson, traduzido para o português por Júlio Castañon Guimarães.

“Despertei com esta cabeça de mármore nas mãos.”, Giórgos Seféris, *Seferis: Stenarnas diktare*, Norteds, 1963, traduzido para o sueco por Hjalmar Gullberg, para o português por Robert de Brose.

“Debaixo das pedras da calçada, a praia”, o mais famoso slogan situacionista associado a Guy Debord.

Sequência de sonho 7

“Fora do meu próprio horizonte” e “Ao acordar você está novamente morta” refere-se a umas das frases de *Cenários (em cores)*, *Poemas Compilados*, de Gunnar Ekelöf: “que ele cai fora do horizonte // Quando se acorda está morto novamente”.





CRÉDITOS



Andrea Caruso Saturnino

superintendente geral do Complexo Theatro Municipal de São Paulo

Andrea Caruso Saturnino é formada em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em artes cênicas pela Sorbonne Nouvelle (Paris) e doutora em artes cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). É gestora, superintendente geral do Complexo Theatro Municipal de São Paulo, curadora artística, fundadora da plataforma e do festival Brasil Cena Aberta e da produtora Performas, responsável por apresentar grandes nomes das artes cênicas internacionais no Brasil e por criar projetos expositivos e multidisciplinares. Desenvolve pesquisa no campo das artes cênicas contemporâneas, é autora de diversos artigos e do livro *Ligeiro Deslocamento do Real – Experiência, Dispositivo e Utopia em Cena*, Edições Sesc. É membro do Conselho Diretor da Ópera Latioamérica (OLA).



Roberto Minczuk

direção musical

Roberto Minczuk fez sua estreia como solista no Theatro Municipal de São Paulo quando tinha apenas 10 anos, como trompista. Aos 13 anos, foi escolhido por Isaac Karabtchevsky como primeira trompa da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) e, depois disso, mudou-se para Nova York e se formou na Juilliard School of Music. Como solista, fez sua estreia no Carnegie Hall aos 17 anos. Aos 20, tornou-se membro da Orquestra Gewandhaus de Leipzig, na Alemanha. Como maestro, fez sua estreia internacional à frente da Filarmônica de Nova York, na qual, mais tarde, foi regente associado. Desde então, já regeu mais de cem orquestras internacionais. Foi diretor artístico do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, diretor artístico adjunto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, sendo o primeiro artista a receber o Prêmio ConcertArte, de Ribeirão Preto. Venceu o Grammy Latino e foi indicado ao Grammy Americano com o álbum *Jobim Sinfônico*. Hoje, é maestro titular da Orquestra Sinfônica Municipal, maestro emérito da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), da qual foi regente titular de 2005 a 2015, e maestro emérito da Orquestra Filarmônica de Calgary, no Canadá. Em 2019, completou 25 anos de carreira.



Wouter Van Looy

direção cênica e cenografia

O encenador e produtor belga Wouter Van Looy é uma força inovadora no mundo internacional da música, da ópera e do teatro musical. Como encenador, estreou na Alemanha (Staatsoper Berlin e Ruhr Triennial), Suíça (Luzerner Theater e Zürich Theaterspektakel), Suécia (Folkoperan), México (Música y Escena), França (Opéra de Lille), Portugal (Centro Cultural de Belém), Holanda (Festival da Holanda), Áustria (Bregenzer Festspiele), Itália (Teatro Comunale di Bologna), Bélgica (deSingel, Concertgebouw Brugge, hetpaleis) e outros lugares. Wouter Van Looy também é encenador residente na companhia belga Muziektheater Transparant. É fundador da Zonzo Compagnie, que realizou projetos e produções na área da música e do teatro musical para o público jovem. Zonzo Compagnie é a força motriz por trás do Big Bang, um festival de música aventureiro para o público jovem que acontece anualmente em 20 cidades da Europa, do Canadá e do Brasil. Em 2015, o Big Bang recebeu o Prêmio EFFE como o festival mais inovador da Europa. Wouter Van Looy foi indicado melhor diretor de palco no Opern Welt e foi premiado internacionalmente com o Music Theatre Now Award, o YAMAward e o NOW Award.

Equipe Criativa



Aline Santini

design de luz

Graduada em artes visuais e pós-graduada em *lighting design* na Faculdade Belas Artes em 2016, Aline Santini estudou com o fotógrafo Carlos Moreira e foi assistente do iluminador Wagner Pinto e Gerald Thomas. Trabalha com iluminação há 24 anos e realizou trabalhos com grandes diretores, companhias, artistas de teatro, dança, ópera, performance e artes visuais em São Paulo. Também executa projetos de iluminação para exposições. Atua como performer e cria instalações visuais, além de realizar direção cênica de espetáculos das artes do palco. Aline Santini foi indicada duas vezes ao Prêmio APCA de dança e seis vezes, na categoria Iluminação, ao Prêmio Shell, que conquistou em 2024 com o espetáculo *Mutações*. Venceu ainda o Prêmio Denilto Gomes, em 2017, com a luz do espetáculo de dança *Shine*. Em 2019, foi uma das artistas selecionadas para representar o Brasil na Quadrienal de Praga. Ministra oficinas de iluminação cênica em espaços culturais, unidades do Sesc e na SP Escola de Teatro. Participou de festivais nacionais e internacionais de teatro e dança na Alemanha, Croácia, Argentina, Bolívia, Irlanda, França e em Portugal.



Raimo Benedetti

design de vídeo

Videoartista, montador de filmes cinematográficos e pesquisador, Raimo Benedetti foi bolsista do centro de arte contemporânea Arteleku no País Basco, Espanha. Dedica-se ao trabalho na interface entre o áudio e o vídeo tendo conquistado o Prêmio Rumos Itaú Cultural pelo espetáculo *Sequenze*, baseado na obra de Luciano Berio. Trabalhou em uma série de montagens de óperas – como *A Queda da Casa de Usher* e *Lady Macbeth do Distrito de Mtsensk* – e concertos acompanhados por projeções como a série *Música de Invenção* e *Ensaio sobre o Lírico*. Em 2023, produziu os videocenários das óperas *Bluebeard*, de Béla Bartók, e *I, Volcanic*, de Malin Bång, uma coprodução entre os teatros Folkoperan da Suécia, Muziektheater Transparant da Bélgica e Theatro Municipal de São Paulo. Em 2019, participou da estreia mundial de *Ritos de Perpassagem*, ópera de Flo Menezes. Participou do Festival Música Estranha em 2105/2017 e 2019, neste último tendo trabalhado com a compositora britânica Laura Bowler. Criou os visuais para o DVD *Boulez +*, do Selo Sesc, e em 2020/2021 coordenou as transmissões da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). Ganhou prêmios de melhor montagem cinematográfica em festivais como *É Tudo Verdade* e *Gramado*. É professor do curso pré-cinema e criou o espetáculo de live cinema *Cinema das Atrações* baseado em seus estudos sobre a arqueologia das mídias. Desenvolveu uma série de encontros internacionais com arqueólogos da mídia no projeto *Flicker&Flow* e lançou, em 2018, pela Editora do Sesi São Paulo, o livro *Entre Pássaros e Cavalos: Muybridge, Marey e o Pré-cinema*.



Laura Françaço

figurino

Laura Françaço é bacharel em artes visuais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestre em artes pela Universidade de São Paulo (USP). Entre 2014 e 2020, atuou em diversas funções dentro do Festival Amazonas de Ópera: assistente de figurino, coordenadora de produção de figurino e figurinista. Foi figurinista de várias óperas, entre elas *Onde Vivem os Monstros* (Theatro São Pedro, 2016), *Tannhäuser* (FAO, 2017), *Acis and Galatea* (FAO, 2018), *Alma* (FAO, 2019 – prêmio de Melhor Ópera do Ano pela revista *Concerto*) e *The Rake's Progress* (Theatro Municipal de São Paulo). Atualmente é produtora executiva no Theatro Municipal de São Paulo.



Gabriela Schembeck

visagismo

Formada em artes visuais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Gabriela Schembeck especializou-se em maquiagem na escola parisiense Atelier Make up em 2012. Desde então, vem alternando trabalhos em teatro, ópera e audiovisual. Fez parte da equipe de visagismo em *Thais*, no Theatro Municipal de São Paulo, *A Visita da Velha Senhora*, com Denise Fraga, e na minissérie *Hebe* do Globoplay. Entre os trabalhos mais recentes estão a cocaracterização das séries *Pico da Neblina* (2ª temporada), HBO, e *Cidade de Deus*, a ser lançada ainda em 2024. Foi também covisagista na ópera *O Guarani*, no TMSp, eleita a melhor ópera de 2023 pela crítica especializada.



Piero Schlochauer

assistente de direção

Piero Schlochauer atua como compositor e arranjador. Começou seus estudos em composição na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e atualmente segue na Faculdade Santa Marcelina (Fasm). Estudou sob Christo Pavlov e Derek Gleeson na Bulgária, gravando com a Orquestra Filarmônica de Varna. Trabalhou como assistente de direção musical em *Fábulas de la Fontaine* (2019 – Núcleo de Pesquisas Mercearia de Ideias), como compositor em *Jogos na Hora da Sesta* (2017 – texto de Roma Mahieu e montagem do Teatro da Vértebra) e *Cai por Terra* (2016), entre outros. Em 2020, foi um dos três compositores convidados para compor uma ópera para o 23º Festival Amazonas de Ópera, e sua ópera *moto-contínuo* estreou em 20 de junho de 2021. Desde 2017, trabalha com o Theatro São Pedro editando e operando as legendas projetadas em várias das montagens executadas (e, mais recentemente, como assistente de direção audiovisual), experiência essa que contribuiu muito para sedimentar e aprofundar sua paixão pela ópera e pela música de concerto no Brasil.



Jonas Soares

assistente de cenografia

Há 18 anos atuando na área técnica/cultural, Jonas Soares destacou-se na coordenação técnica e assistências de diferentes projetos no Brasil e no exterior. Colaborou em produções de Jorge Takla, Jô Soares, Cacá Carvalho, Gerald Thomas, John Neschling, Pina Bausch, São Paulo Cia. de Dança e Balé da Cidade. Atualmente, ocupa o cargo de coordenador técnico no Theatro Municipal de São Paulo. Como profissional criativo, assinou diversas cenografias, entre as últimas estão *Rigoletto* de Verdi, direção de Jorge Takla (Montevidéu 2019), *Rosa dos Ventos* (2022) de André Mehmari, Salomão Soares, Tiago Costa e Hercules Gomes, *Romeu e Julieta* (2022) de Binho Pacheco e Balé Basileu França, *Poder Supremo* (2022) de Bruno Morais e Ronaldo Zero, *Os Conspiradores* (2023) de Schubert e direção de Ronaldo Zero, Cerimônia Senado Federal 200 Anos (2024), direção de Jorge Takla, e *Devoção* (2024) de João Guilherme Ripper e direção de Ronaldo Zero.

Solistas

O CASTELO DE BARBA AZUL BLUEBEARD'S CASTLE



Hernán Iturralde

Barba Azul

Hernán Iturralde estudou na Escola de Estudos Musicais Avançados de Karlsruhe (Alemanha) com Aldo Baldin. Fez sua estreia na Europa com a *Pequena Missa Solene*, dirigida por Helmuth Rilling, e desde então canta na Alemanha, França, Espanha, nos Estados Unidos e na América Latina. Desempenhou os papéis principais em *Wozzeck* (Berg), *Der Fliegende Holländer* (Wagner), *Das Rheingold* (Wagner) e *El Gran Macabro* (Ligeti), entre outros. Foi premiado pela Fundação Konex como um dos cinco melhores cantores masculinos da Argentina nas últimas duas décadas.



Denise de Freitas

Judith

Com apresentações nos mais renomados teatros e salas do Brasil, Denise de Freitas tornou-se intérprete dos grandes personagens para a voz de mezzo soprano, somando-se a eles, em 2021 e 2022, Romeu de *I Capuleti e I Montecchi* (Bellini), Anna de *Os Sete Pecados Capitais* (Kurt Weil) e Príncipe Orlofsky de *Fledermaus* (Strauss II). Ao longo dos seus 30 anos de trajetória, é detentora de diversos prêmios, como o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) 2017 e o Carlos Gomes, em 2004, 2009 e 2011. A convite do Ministério das Relações Exteriores, viajou a Tel Aviv, Budapeste, Berlim e Copenhague representando a música e a cultura do Brasil, dedicando-se integralmente às obras de Villa-Lobos. Gravou, ainda, a *Sinfonia nº 8, Il Movimento*, de Claudio Santoro, sob regência de Neil Thomson. Ao trabalhar com renomados maestros, acumula um extenso repertório sinfônico, incluindo obras de Mahler, Wagner, Brahms, Ravel, Respighi, Handel, Falla, Verdi e Rossini.



Gilda Nomacce

Judith (Papel Falado)

Gilda Nomacce é uma atriz brasileira de teatro, cinema, televisão, streaming, moda, artes plásticas e ópera. Começou muito cedo sua carreira nos palcos, mas considera sua maior formação os anos de pesquisa no CPT, trabalhando com o diretor Antunes Filho. Destacam-se também as residências artísticas em Watermill Center, instituto do diretor Bob Wilson, e na Rússia, com Oleg Tabakov, diretor do Teatro de Arte de Moscou. É fundadora da Companhia da Mentira, com a qual realizou *O Que Você Foi Quando Era Criança?*, *Soslaio* e *Music Hall*, que lhe rendeu sua primeira indicação ao Prêmio Shell. No cinema, está em mais de 150 filmes e acumula mais de 21 prêmios e homenagens nos principais festivais do Brasil e exterior. Filmes em que atuou, como *Ausência*, *Trabalhar Cansa* e *Meu Nome É Bagdad*, foram exibidos e premiados nos festivais de Cannes, Berlim, Brasília, Tiradentes, São Paulo e muitos outros. Na televisão, vem ganhando cada vez mais destaque em obras como *Cidade Invisível*, do Netflix, e *Desejos S.A.*, do Disney+, além de muitas outras do Canal Brasil, TV Cultura, Star+ e Globoplay. *O Olhar de Judith* é seu segundo trabalho em ópera, após ter atuado em *Os Sete Pecados Capitais*, no Theatro São Pedro de São Paulo.

Solistas

EU, VULCÂNICA

I, VOLCANIC



Alexandra Büchel

Judith

A soprano sueca Alexandra Büchel estudou na University College of Opera em Estocolmo, sob orientação da professora Dorothy Irving e, também, com Jeffrey Goldberg, em Nova York. Estabeleceu-se como uma das principais intérpretes de música moderna e contemporânea, o que a levou a colaborações com compositores como Catharina Backman, Britta Byström, Christofer Elgh, Hans Gefors, Fredrik Hedelin, Johannes Jansson, Maria Lithell Flyg, Ivo Nilsson e Annelies Van Parys. Ela conquistou seu público ao interpretar Gepopo em *Le Grand Macabre* (Ligeti), The Blind Poetess em *Aniara* (K-B. Blomdahl), Lady Madeline em *La Chute de la Maison Usher* (Debussy)/ Annelies Van Parys, Child na estreia mundial de *BLY* (Karólina Eiríksdóttir), Charles Manson em *NOBODY* (Martin Lissel), Galadriel em *In Transit* (Stefan Lindgren) e Judith de Malin Bång. Alexandra Büchel também se apresentou em casas de concerto e ópera como Cape Town Opera, Malmö Live, Malmö Opera, Musikfestspelen Korsholm. Executou as *Canções de Inger Christensen*, de Hans Abrahamsen, no KLANG Festival em Copenhague, no Swedish Music Spring Festival, na Opera Vlaanderen, e cantou com Ensemble MA, Kammarensemblen, Orquestra Sinfônica de Helsingborg, Orquestra Sinfônica da Rádio Polonesa, Orquestra de Câmara de Uppsala, Conjunto Barroco de Drottningholm, Rebaroque, Orquestra Sinfônica de Malmö, Ensemble Neo e a Orquestra Sinfônica da Rádio Sueca. Nesta primavera, estreou na opereta como Ottilie em *Im Weißen Rössl*. Em 2017, recebeu o prestigiado Prêmio Birgit Nilsson.



Laiana Oliveira

Darkness 1

Cantora lírica e artista vocal, Laiana Oliveira é bacharel em composição musical pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestra e doutora em composição musical pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e realiza pesquisa de pós-doutorado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). É criadora do método Solfejo Sem Medo de leitura musical para cantores. No Theatro Municipal de São Paulo, Laiana Oliveira foi solista em *Der Rosenkavalier*, *A Flauta Mágica* e *Mass*, e participou do Coral Paulistano Mario de Andrade. Foi premiada no XV Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas e no Concurso Internacional de Canto Linus Lerner (2021). Apresentou-se em festivais no Brasil e exterior, sendo convidada em eventos como o Festival Amazonas de Ópera e Festival Internacional de Música de Campina Grande (FIMUS). Em 2022, foi solista do Ateliê de Criação Lírica no Theatro São Pedro e na ópera cinematográfica *Realejo de Vida e Morte*, de Jocy de Oliveira. Foi aprovada como bolsista no Festival de Verão de Darmstadt.



Flavio Mello

Darkness 2

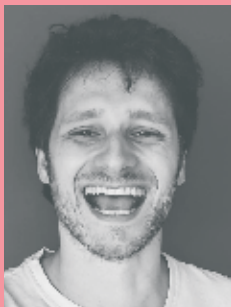
Doutorando em musicologia, bacharel e mestre em canto pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Flavio Mello publicou o livro *Antologia da Canção Brasileira: 25 Obras para Canto e Piano / Brazilian Art Song Anthology* com Carol McDavit pela Mundo Arts Internacional na Espanha. Egresso da Academia de Ópera Bidu Sayão do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, tem realizado diversos concertos no Brasil, na América Latina e na Espanha. Em ópera, já interpretou Elviro em *Serse* (G. F. Handel), Polifemo em *Acis and Galatea* (G. F. Haendel), Spirit em *Dido e Eneias* (H. Purcell), Conte Robinson em *Il Matrimonio Segreto* (D. Cimarosa), Death em *Savitri* (G. Holst), Bob em *The Old Maid and the Thief* (G. C. Menotti) e Gianni Schicchi na ópera homônima de G. Puccini. Ainda este ano, protagonizará Guglielmo em *Le Villi* no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.



Gilda Nomacce

Judith (Papel Falado)

Gilda Nomacce é uma atriz brasileira de teatro, cinema, televisão, streaming, moda, artes plásticas e ópera. Começou muito cedo sua carreira nos palcos, mas considera sua maior formação os anos de pesquisa no CPT, trabalhando com o diretor Antunes Filho. Destacam-se também as residências artísticas em Watermill Center, instituto do diretor Bob Wilson, e na Rússia, com Oleg Tabakov, diretor do Teatro de Arte de Moscou. É fundadora da Companhia da Mentira, com a qual realizou *O Que Você Foi Quando Era Criança?*, *Sosliao* e *Music Hall*, que lhe rendeu sua primeira indicação ao Prêmio Shell. No cinema, está em mais de 150 filmes e acumula mais de 21 prêmios e homenagens nos principais festivais do Brasil e exterior. Filmes em que atuou, como *Ausência*, *Trabalhar Cansa* e *Meu Nome É Bagdad*, foram exibidos e premiados nos festivais de Cannes, Berlim, Brasília, Tiradentes, São Paulo e muitos outros. Na televisão, vem ganhando cada vez mais destaque em obras como *Cidade Invisível*, do Netflix, e *Desejos S.A.*, do Disney+, além de muitas outras do Canal Brasil, TV Cultura, Star+ e Globoplay. *O Olhar de Judith* é seu segundo trabalho em ópera, após ter atuado em *Os Sete Pecados Capitais*, no Theatro São Pedro de São Paulo.



Flávio Karpinski

Darkness 2 (ator)

Nascido em São Paulo, o ator brasileiro-polonês Flávio Karpinski se formou na École Internationale de Théâtre Jacques Lecoq, em Paris, uma das mais prestigiadas escolas de teatro da Europa. Em 2023, fez uma participação na série do Star+ *Americana*, em 2022 fundou a Ló Produções e, por meio dela, produziu e estrelou o espetáculo *Maiakovsk's: Vértebras* e a performance *Laços*, ambos selecionados para o Festival Satyrianas 2022. Trabalhou com as companhias teatrais Teatro do Incêndio (2013-2014), Cia. Bará (2015-2017) e Cia. da Alvorada (2019), atuou em óperas no Theatro Municipal de São Paulo (*Tosca* – 2014 e *O Cavaleiro da Rosa* – 2022) e em 12 curtas-metragens. Fez voz original para animações (Riot Games – *Acampamento Yordle*) e participou de vídeos publicitários (Bike Clandestina, Itaú, ESPN).



Julho de 2024
Theatro Municipal
de São Paulo

**O Olhar De Judith –
Judith's Gaze**
(double bill)

Bluebeard's Castle
(O Castelo de Barba Azul)

Ópera em um ato de **Béla Bartók**
com libreto de **Béla Balázs**
Editora Universal Edition AG

I, Volcanic
(Eu, Vulcânica)

Ópera de **Malin Bång**
com libreto de **Mara Lee**

Uma coprodução Folkoperan de Estocolmo,
Muziektheater Transparant da Antuérpia
e Theatro Municipal de São Paulo.

Orquestra Sinfônica Municipal

Roberto Minczuk, direção musical
Wouter Van Looy, direção cênica

Solistas

O Castelo de Barba Azul

Hernán Iturralde, Barba Azul

Denise de Freitas, Judith

Gilda Nomacce, Judith (papel falado)

Eu, Vulcânica

Alexandra Büchel, Judith

Laiana Oliveira, Darkness 1

Flavio Mello*, Darkness 2

Gilda Nomacce, Judith (papel falado)

Flávio Karpinski, Darkness 2 (ator)

Equipe Criativa

Wouter Van Looy e **Carl Bellens**, cenografia

Piero Schlochau, assistente de direção

Jonas Soares, assistente de cenografia

Aline Santini, design de luz

Raimo Benedetti, design de vídeo

Laura Françoze, figurino

Gabriela Schembeck, visagismo

Pianista Correpetidor

Anderson Brenner

Matheus Alborghetti

*Artista cedido pela Fundação Theatro Municipal
do Rio de Janeiro

Equipe Extra de Produção
Igor Macedo de Souza, assistente de produção

Equipe Extra de Costura
Lariana Moreno, modelista
Paulinho Cuíca, cortador
Karen Anísia, assistente de figurino

Equipe de Visagismo
Inais Tereza
Jessica Pink
Luciana Santini

Iluminação
Gabriela Ciancio, assistente de iluminação

Equipe de Videografismo
Cecilia Lucchesi e **Joana Melão**, assistentes de videografismo
André Moncaio, direção de fotografia

Equipe Circense – **Circo Apodi**
Victor Candido, rigger responsável
Fernanda Damacena e **Guilherme Boranga**, riggers assistentes
Ana Coll e **Lucia Blasina**, intérpretes

Efeitos de Pirotecnia
Grupo Flames

Coach em Língua Sueca
Erik Ekström e Karin Ekström

Orquestra Sinfônica Municipal

Regente Titular Roberto Minczuk
Regente Assistente Alessandro Sangiorgi

Primeiros Violinos Pablo de León (spalla)*, Alejandro Aldana (spalla)*, Adriano Mello, Edgar Leite, Fabian Figueiredo, Fábio Brucoli, Fernando Travassos, Francisco Krug, Heitor Fujinami, Liliana Chiriac, Martin Tuksa, Paulo Calligopoulos, Rafael Bion Loro, Aline Pascutti** e Matheus Vieira** **Segundos Violinos** Andréa Campos*, Maria Fernanda Krug*, Alexandre Pinatto de Moura, André Luccas, Djavan Caetano, Evelyn Carmo, Fábio Chamma, Helena Piccazio, John Spindler, Mizaél da Silva Júnior, Oxana Dragos, Renato Marins Yokota, Ricardo Bem-Haja, Roberto Faria Lopes, Ugo Kageyama, Wellington Rebouças e Renan Barbosa** **Violas** Alexandre de León*, Silvio Catto*, Abrahão Saraiva, Adriana Schincariol, Bruno de Luna, Eduardo Cordeiro, Eric Schafer Licciardi, Jessica Wyatt, Lianna Dugan, Pedro Visockas, Roberta Marcinkowski e Florence Suana** **Violoncelos** Mauro Brucoli*, Raiff Dantas Barreto*, Cristina Manescu, Joel de Souza, Mariana Amaral, Teresa Catto, Danilo Souza**, Rafael Frazzato** e

Raúl Andueza** **Contrabaixos** Brian Fountain*, Tais Gomes*, Adriano Costa Chaves, André Teruo, Miguel Dombrowski, Sanderson Cortez Paz, Vinicius Frate e Walter Müller
Flautas Marcelo Barboza*, Renan Mendes*, Andrea Vilella, Cristina Poles e Jean Arthur Medeiros **Oboés** Rodrigo Nagamori*, Marcos Mincov e Rodolfo Hatakeyama **Clarinetes** Camila Barrientos Ossio*, Tiago Francisco Naguel*, Diogo Maia Santos, Domingos Elias e Marta Vidigal **Fagotes** Matthew Taylor*, Marcos Fokin*, Facundo Cantero, Marcelo Tonim, Vivian Meira e Erick Ariga**
Trompas André Ficarelli*, Thiago Ariel*, Daniel Filho, Eric Gomes da Silva, Rafael Fróes, Rogério Martinez, Vagner Rebouças e Guilherme Merique** **Trompetes** Daniel Leal*, Fernando Lopez*, Eduardo Madeira, Thiago Araújo e Ismael Brandão** **Trombones** Eduardo Machado*, Raphael Campos da Paixão**, Jonathan Xavier, Marim Meira e Cassio Tavares** **Tuba** Luiz Serralheiro* **Escaleta** Cecília Moita* e Matheus Alborghetti** **Harpas** Jennifer Campbell* e Paola Baron* **Percussão** Marcelo Camargo*, César Simão, Magno Bissoli, Thiago Lamattina, Renato Raul dos Santos**, Diego Osmani**, Felipe Suto**, Pâmela Simões** e Rian Frank** **Tímpanos** Danilo Valle* e Marcia Fernandes* **Coordenadora** Mariana Bonzanini **Analista Administrativa** Barbarah Martins Fernandes **Coordenador Técnico** Carlos Nunes **Auxiliar Administrativa** Priscila Campos / *Chefe de naipe **Músico convidado

Prefeitura Municipal de São Paulo

Prefeito Ricardo Nunes
Secretária Municipal de Cultura Lígia Jalantonio Hsu
Secretário Adjunto Thiago Lobo
Chefe de Gabinete Rogério Custodio de Oliveira

Fundação Theatro Municipal de São Paulo

Direção Geral Abraão Mafra
Direção de Gestão Dalmo Defensor
Direção Artística Andreia Mingroni
Direção de Formação Cibeli Moretti
Direção de Produção Executiva Enrique Bernardo

Conselho Administrativo Suspendidos

André Isnard Leonardi (presidente), Claudia Ciarrocchi, Gabriel Fontes Paiva, Gildemar Oliveira, José Alexandre Pereira de Araújo, Magda Pucci, Monica Rosenberg, Odilon Wagner, Renata Bittencourt e Wellington do C. M. de Araújo

**Conselho Consultivo
Sustenidos**

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilhelm, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Gabriel Whitaker, Leonardo Matrone, Luciana Temer, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (*in memoriam*) e Paula Raccanello Storto

**Conselho Fiscal
Sustenidos**

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno

**Sustenidos
Organização
Social de Cultura
(Theatro Municipal)**

Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa
Diretor Administrativo-Financeiro Rafael Salim Balassiano
Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas
Superintendente de Desenvolvimento Institucional e Marketing
Heloisa Garcia da Mota
Gerente de Controladoria Leandro Mariano Barreto
Contadora Cláudia dos Anjos Silva
Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emidio Pereira
Gerente Jurídica Adline Debus Pozzebon
Gerente de Recursos Humanos Ana Cristina Cesar Leite
Gerente de Mobilização de Recursos Marina Funari
Gerente de Tecnologia e Sistemas Yudji Alexander Otta

**Complexo
Theatro Municipal
de São Paulo**

Superintendente Geral Andrea Caruso Saturnino
Secretária Executiva Valeria Kurji

Gerente de Produção/Programação Artística Nathália Costa
Coordenadora de Produção Rosana Taketomi de Araujo
Equipe de Produção André Felipe Lino de Jesus, Carla Luiza Silveira Henriques, Carlos Eduardo Marroco, Cinthia Cristina Derio, Eliana Aparecida dos Santos Filinto, Karine dos Santos, Laura de Campos Françaço, Laura Cibele Gouvêa Cantero, Luiz Alex Tasso, Mariana Perin, Rodrigo Correa da Silva, Ronaldo Gabriel de Jesus da Silva e Rosangela Reis Longhi **Bolsistas** Leticia Pereira Guimarães e Rhayla Winnye Alves Dutra de Oliveira Nunes
Coordenadora de Programação Artística Camila Honorato Moreira de Almeida **Coordenador de Programação Artística** Eduardo Dias Santana **Equipe de Programação** Bruna de Fátima Mattos Teixeira, Isis Cunha Oliveira Barbosa, Maira Scarello e Marcelo Augusto Alves de Araújo **Bolsista** Ruby Máximo dos Santos Figueiredo

Gerente de Musicoteca Ruthe Zoboli Pocebon
Coordenador de Musicoteca Roberto Dorigatti **Equipe da Musicoteca** Carolina Aleixo Sobral, Cassio Mendes Antas, Diego Scarpino Pacioni, Felipe Faglioni, Jonatas Ribeiro, Leonardo Serrão Minoci de Oliveira, Martim Butcher Cury e Monik Regina da Silva Freitas **Pianista Correpetidor** Anderson Brenner

Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana Lucia Lopes
Equipe de Formação, Acervo e Memória Clarice de Souza Dias Cará e Stig Lavor

Bolsistas de Dramaturgismo Alícia Oliveira Corrêa, Gabriel Labaki Agostinho Luvizotto e Karina da Silva Sousa

Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva **Supervisora de Educação** Dayana Correa da Cunha **Equipe de Educação** Armr'ore Erormray de Souza Macena, Bianca Stefano Vyunas, Camila Aparecida Padilha Gomes, Diego Diniz Intriery, Gabriel Zanetti Pieroni, Igor Antunes Silva, Joana Oliveira Barros Rodrigues de Rezende, Luciana de Souza Bernardo, Mateus Masakichi Yamaguchi, Matheus Santos Maciel, Monike Raphaela de Souza Santos e Renata Raissa Pirra Garducci **Bolsistas** Davison Casemiro e Maria Eduarda Valim Guerra dos Santos

Aprendizes Ana Beatriz Silva Correia, Enzo Holanda e Mariana Filardi **Coordenador de Acervo e Pesquisa** Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe de Acervo e Pesquisa** Andreia Francisco dos Reis, Rafael de Araujo Oliveira e Shirley Silva **Estagiários** Camila Cortellini Ferreira, Gabriela Eutran da Silva, Gabrielle Rodrigues dos Santos, Giovana Santos de Medeiros, Hannah Beatriz Zanotto, Karina Araujo do Nascimento, Nathalia Hara de Oliveira e Thalya Duarte de Gois **Bolsistas** Luan Augusto Pereira Silva e Marcelina Dulce Muhongo

Coordenador de Ações de Articulação e Extensão Felipe Oliveira Campos **Bolsistas** Evely Heloise Pinheiro Ferreira e Tiffany Flores Dias

Diretor de Palco Sérgio Ferreira

Equipe Técnica e Administrativa de Palco Adalberto Alves de Souza, Diogo de Paula Ribeiro, Jonas Pereira Soares, Luiz Carlos Lemes, Matheus Alves Tomé, Sônia Ruberti e Vivian Miranda

Gestor de Cenotécnica Anibal Marques (Pelé) **Coordenadora de Produção (Cenotécnica)** Rosa Casalli **Equipe Cenotécnica** Ana Carolina Yamamoto Angelo, Everton Jorge de Carvalho, Marcelo Evangelista Barbosa e Samuel Gonçalves Mendes **Bolsistas** Alicia Esteves Martins, Azre Maria Ferreira de Azevedo, Caio Henrique Menezes de Oliveira, Gabrieli Barbosa da Silva, Julia Cristina Lopes Elias Cordeiro de Oliveira, Larissa Gabriele Trindade de Souza, Paulo Victor Pereira de Souza, Rodrigo Luiz Santos Machado, Tamiris de Moraes Hirata, William França da Conceição Nascimento e Winícios Brito Passos **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Edilson da

Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Igor Mota Paula, Ivaildo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição, Júlio César Souza de Oliveira, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Odilon dos Santos Motta e Ronaldo Batista dos Santos **Chefe de Contrarregagem** Edival Dias **Equipe de Contrarregagem** Alessandro de Oliveira Rodrigues, Amanda Tolentino de Araújo, Sandra Satomi Yamamoto e Vitor Siqueira Pedro **Chefe de Montadores** Rafael de Sá de Nardi Veloso **Montadores** Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Marcus Vinicius José de Almeida, Nizinho Deivid Zopelaro e Pedro Paulo Barreto **Coordenador de Sonorização** Daniel Botelho **Equipe de Sonorização** André Moro Silva, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin, Leandro dos Santos Lima e Rogerio Galvão Ultramari Junior **Bolsistas** Ana Carolina Pfeffer e Henrique dos Santos Lima **Coordenação de Iluminação** Sueli Matsuzak e Wellington Cardoso Silva **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Danilo dos Santos, Fabiola Galvão Fontes, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira, Olavo Cadorini Cardoso, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes, Wellington Cardoso Silva e Yasmin Santos de Souza **Bolsistas** Debora Pereira de Paula e Pedro Henrique Almeida Severino

Coordenador de Figurino Felipe Costa **Equipe de Figurino** Alzira Campiolo, Eunice Baía, Fabiane do Carmo Macedo de Almeida, Geralda Cristina França da Conceição, Isabel Rodrigues Martins, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Aparecida de Mello, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins, Regiane Bierrenbach e Walamis Santos **Bolsistas** Byanka Martins dos Santos e Mayara de Oliveira Santos

Coordenadora de Comunicação Elisabete Machado Soares dos Santos **Equipe de Comunicação** André Felipe Costa Santa Rosa Lima, Francielli Jonas Perpetuo, Guilherme Dias, Gustavo Quevedo Ramos, Karoline Marques da Conceição, Larissa Lima da Paz, Laureen Cicaroli Dávila, Leticia Silva dos Santos, Tatiane de Sá dos Santos e Winnie dos Santos Affonso

Coordenadora de Parcerias e Novos Negócios Luciana Gabardo dos Santos **Supervisoras de Parcerias e Novos Negócios** Giovanna Campelo e Nathaly Rocha Avelino **Equipe de Parcerias e Novos Negócios** Matheus Ferreira Borges, Thamara Cristine Carvalho Conde e Vitória Terlesqui de Paula **Equipe de Atendimento ao Público** Ana Luisa Caroba de Lamare, Marcella Relli, Rosimeire Pontes Carvalho e Silas Barbosa da Silva **Supervisor de Bilheteria** Jorge Rodrigo dos Santos **Equipe de Bilheteria** Bruna Eduarda Cabral da Silva, Claudiana de Melo Sousa, Flavia dos Santos da Silva e Maria do Socorro Lima da Silva

Coordenador de Planejamento e Monitoramento Douglas Herval Ponso **Equipe de Planejamento e Monitoramento** Ananda Stucker, Milena Lorana da Cruz Santos e Thamella Thais Santana Santos **Captação de Recursos** Juliane Ristom Rodrigues

Gerente de Patrimônio e Arquitetura Eduardo Spinazzola **Equipe de Patrimônio e Arquitetura** Angelica Cristina Nascimento Macedo, Juliana de Oliveira Moretti, Mariana Orlando Tredicci e Raisa Ribeiro da Rocha Reis

Gerente de Infraestrutura e Gestão Predial Cleiton Dionatas Souza **Coordenador de Operações** Mauricio Souza **Coordenador de Manutenção** Stefan Salej Gomes **Equipe de Infraestrutura e Gestão Predial** Carolina Ricardo, Elias Ferreira Leite Junior, Fernanda do Val Amorim e Leandro Maia Cruz **Aprendiz** Yasmin Antunes Rocha

Equipe de TI Carlos Eduardo de Almeida Ferreira e Romário de Oliveira Santos **Aprendiz** Igor Alves Salgado

Equipe de Finanças Carolina Dezan Esteves, Erica Martins dos Anjos, Jéssica Brito Oliveira e Michele Cristiane da Silva **Equipe de Contabilidade** Aurili Maria de Lima e Vanessa Oliveira de Abreu **Equipe de Controladoria** Victor Hugo Cassalhos dos Santos **Aprendiz** Paloma Ferreira de Souza

Coordenador de Compras Raphael Teixeira Lemos **Equipe de Compras** Eliana Moura de Lima, Leandro Ribeiro Cunha, Paulo Henrique Risseri e Thiago Faustino **Aprendiz** Suiany Olher Encinas Racheti

Supervisora de Logística Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa **Equipe de Logística** Arthur Luiz de Andrade Lima, Marcos Aurélio Vieira do Nascimento Samora e Raimundo Nonato Bezerra **Equipe de Contratos e Jurídico** Aline Rocha do Carmo, Douglas Bernardo Ribeiro, João Vitor Reis Silva e Lucas Serrano Cimatti **Aprendiz** Pedro Henrique Lima Pinheiro

Coordenadora de Recursos Humanos Renata Aparecida Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Amanda Alexandre de Souza Mota, Elizabeth Vidal de Lima, Gustavo Giusti Gaspar, Janaina Aparecida Gomes Oliveira e Priscilla Pereira Gonçalves

Equipe de Segurança e Saúde do Trabalho Francisco Leandro da Silva, Mateus Costa do Nascimento e Tamires Aparecida de Moraes Lanfranco Pires

**Expediente
da Publicação**

Ilustrações Gustavo Piqueira

Design Casa Rex

Edição de Conteúdo Laureen Cicaroli Dávila / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Revisão Cíça Corrêa

Produção Gráfica Karoline Conceição e Winne Affonso / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Tradução do libreto *O Castelo de Barba Azul* Irineu Franco Perpetuo

Tradução do libreto *Eu, Vulcânica* Erik Ekström e Karin Ekström

Orquestra Sinfônica Municipal

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lírica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri; e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Alessandro Sangiorgi o regente assistente da OSM.

Sustenidos

A Sustenidos é uma organização referência na concepção, implantação e gestão de políticas públicas na área de educação musical. Atualmente, é gestora do Conservatório de Tatuí e do Complexo do Theatro Municipal de São Paulo, e foi gestora do Projeto Guri, maior programa sociocultural brasileiro, de 2004 a 2021.

O Conservatório de Tatuí é mantido pelo Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, e por empresas patrocinadoras, por meio de leis de incentivo fiscal. A administração do Complexo Theatro Municipal segue o modelo de gestão de OS, conforme edital estabelecido pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade de São Paulo.

Entre os nossos projetos especiais destacam-se Musicou e MOVE, além dos festivais Ethno Brazil e Imagine Brazil, que têm como objetivo potencializar as dimensões estética, afetiva, cognitiva, motora e social de crianças, adolescentes e jovens, garantir sua sociabilidade, além de promover o acesso à diversidade musical e artística.

Assim, seguimos apoiando milhares de crianças, adolescentes e jovens para que entrem na vida adulta certos de que a arte é a melhor companheira para essa jornada.

Fundação Theatro Municipal de São Paulo

A Fundação Theatro Municipal de São Paulo (FTMSP) foi instituída em 2011 com o objetivo de tornar-se referência em gestão de equipamentos públicos culturais de grande porte. Fundamentada na formação, criação, produção, difusão, fruição e fomento das artes e da cultura, a FTMSP promove diálogos e é catalisadora na criação de sinergias entre linguagens artísticas, espaços e, principalmente, pessoas. Com uma gestão pautada pela construção de seus valores, a Fundação trabalha ininterruptamente com isonomia, transparência, competência técnica, respeito à diversidade, valorização e democratização do acesso à cultura, atendimento de qualidade ao cidadão, inclusão social, excelência, vanguarda e experimentação cultural e artística.

Como retrato de uma estrutura plural e múltipla, a FTMSP é composta de seis equipamentos públicos – o Theatro Municipal de São Paulo, a Praça das Artes, a Central Técnica de Produções Artísticas Chico Giacchieri, o Centro de Documentação e Memória, a Escola de Dança de São Paulo e a Escola Municipal de Música de São Paulo (EMMSP) – e seis corpos artísticos – a Orquestra Sinfônica Municipal (OSM), o Coro Lírico Municipal, o Coral Paulistano, o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, o Balé da Cidade de São Paulo e a Orquestra Experimental de Repertório (OER), sendo este de caráter artístico-formativo. Além dos corpos estáveis, ainda contempla grupos como o Ensemble, que desenvolve projetos artísticos com repertórios desenhados para variadas formações, e detém o papel de divulgar e descentralizar a produção artística realizada pela Fundação.

É na área de formação que a FTMSM torna evidente seu caráter permeável, construindo um ambiente propício ao encontro de diferentes realidades e comunidades. Esta é a área mediadora por excelência, pois transforma e é transformada de forma constante para que seus corpos docente e discente participem e sejam verdadeiramente pertencentes à trajetória aqui traçada. Compõem a área de formação: a Escola de Dança de São Paulo (Edasp) com o Balé Jovem de São Paulo, a Orquestra Experimental de Repertório (OER), a Escola Municipal de Música de São Paulo (EMMSM) com a Orquestra Sinfônica Jovem Municipal, a Orquestra Sinfônica Infantojuvenil, a Banda Sinfônica, o Coro Jovem, o Coro Infantojuvenil e o Ópera Studio. Considerando a dinâmica da área cultural, que demanda profissionais com sensibilidade para as artes, alto padrão técnico e conhecimento de linguagens diversas, as escolas disponibilizam cursos gratuitos para crianças e jovens a partir dos 8 anos. As escolas e os corpos artísticos de cunho formativo buscam preparar cidadãos com olhar potente para a cultura e para a arte, aptos tecnicamente para atuar em suas áreas, com referências e experiências para abordar suas respectivas linguagens, assim como a intersecção das mesmas.

A Fundação Theatro Municipal de São Paulo está vinculada à Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e, em consonância com os demais equipamentos e projetos dessa secretaria, fomenta as relações entre as pessoas, a arte, a cultura e os espaços públicos, o que contribui para o diálogo, a criação, a manutenção e a expansão do patrimônio material e imaterial da cidade de São Paulo.



Bem-vindos à Ópera

Sejam bem-vindas e bem-vindos ao Theatro Municipal de São Paulo.

Abaixo, algumas informações para aproveitar da melhor forma esta experiência única.

Fotos e Vídeos

Lembramos que não estão autorizadas gravações, fotos e filmagens durante a apresentação sem prévio consentimento. Fotos dentro da sala são permitidas somente antes e depois do espetáculo ou nos intervalos. No hall de entrada e nas escadarias do Theatro, as fotos também estão liberadas. Aproveite e publique marcando @theatromunicipal.

Conversas

Conversas e comentários, ainda que sussurrados, incomodam muito os outros espectadores. Espere o intervalo para compartilhar suas impressões.

Cadeiras

Nossas belas e icônicas cadeiras passam regularmente por manutenção. No entanto, se alguma delas ranger, tenha paciência e procure fazer o mínimo de barulho. Apesar de ter presenciado centenas de óperas, elas não chegaram a ser afinadas.

Aplausos

Se você gostou muito da interpretação de uma ária, não há necessidade de aplausos a cada trecho cantado ou tocado da ópera. No final dos atos e do espetáculo, você pode se manifestar à vontade.

Alimentos

Não é permitida a entrada com comidas e bebidas no interior da Sala de Espetáculos. Pedimos especial atenção aos papéis de bala, que podem fazer um barulho e tanto. No térreo e no segundo andar, há cafés que ficam abertos antes do início da ópera e nos intervalos.

Crianças

É sempre uma alegria ver crianças em nossa casa centenária! Pedimos especial atenção aos pais e responsáveis, pois, além da duração, as óperas abordam diferentes temas, alguns dos quais podem não ser apropriados para crianças menores.




julho 2024
26 sexta 20h
27 sábado 17h
28 domingo 17h
30 terça 20h


Theatro Municipal
Sala de Espetáculos

Informações e ingressos theatromunicipal.org.br

Acompanhe nossas redes sociais:

Theatro Municipal

 @theatromunicipalsp

 @theatromunicipal


 @municipalsp

 /theatromunicipalsp

 @theatromunicipal

Praça das Artes

 @pracadasartes


 @pracadasartes

O **Theatro Municipal de São Paulo** conta com você para aperfeiçoar suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:

escuta@theatromunicipal.org.br e ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br

Programação sujeita a alteração.

 **31-200**

12

duração aproximada **130 minutos**
com 20 minutos de intervalo

realização:



#SUSTENIDOS
Organização Social de Cultura

 **FUNDAÇÃO
THEATRO
MUNICIPAL**



MINISTÉRIO DA
CULTURA





